

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE HISTÓRIA

Marcelo de Lon Félix

**Adeptos das crenças afro-brasileiras na mira da Igreja Universal do Reino de Deus:  
sincretismo e discurso belicoso intolerante**

Florianópolis

2022

Marcelo de Lon Félix

**Adeptos das crenças afro-brasileiras na mira da Igreja Universal do Reino de Deus:  
sincretismo e discurso belicoso intolerante**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Alex Degan

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Félix, Marcelo de Lon

Adeptos das crenças afro-brasileiras na mira da Igreja  
Universal do Reino de Deus : sincretismo e discurso  
belicoso intolerante / Marcelo de Lon Félix ; orientador,  
Alex Degan, 2023.

72 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. História. 2. sincretismo. 3. proselitismo. 4.  
demonização. 5. intolerância religiosa. I. Degan, Alex. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
História. III. Título.



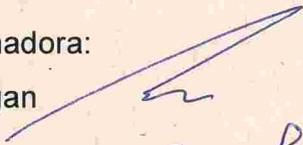
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos vinte e oito dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três, às dezessete horas, na sala da direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo Professor Alex Degan, Orientador e Presidente, pelo Professor Waldir Rampinelli, Titular da Banca, e pelo Professor Tiago Kramer, Suplente, designados pela Portaria nº 33/2023/HST/CFH da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **Marcelo de Lon Félix**, subordinado ao título:” **Adeptos das crenças afro-brasileiras na mira da Igreja Universal do Reino de Deus: sincretismo e discurso belicoso**”. Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Alex Degan a nota final 10..., do Professor Waldir Rampinelli a nota final 10... e do Professor Tiago Kramer a nota final .....; sendo aprovado com a nota final 10... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia quatro de setembro de dois mil e vinte e três. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 28 de agosto de 2023.

Banca Examinadora:

Prof. Alex Degan 

Prof. Waldir Rampinelli 

Prof. Tiago Kramer

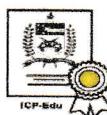
Candidato Marcelo de Lon Félix 



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico Marcelo de Lon Félix ,matricula n.º 14101965, entregou a versão final de seu TCC cujo título é "Adeptos das crenças afro-brasileiras na mira da Igreja Universal do Reino de Deus", com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 01 de Setembro de 2023.



Documento assinado digitalmente

Alex Degan

Data: 01/09/2023 15:53:24-0300

CPF: \*\*\*.404.488-\*\*

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

---

Alex Degan

A todos aqueles que acreditam na educação e na luta contra a censura, a qualquer forma de preconceito e desinformação. Ao livre exercício de quem ensina História visando formação de cidadania e não apenas conhecimento.

## AGRADECIMENTOS

Não poderia deixar de agradecer inicialmente a minha mãe Erida Lúcia Félix, uma mulher de 75 anos que apesar de ter poucas oportunidades educacionais, tornou-se uma apreciadora das letras e da poesia que lembra a vida dos antigos moradores desta cidade que marcaram suas lembranças de uma época rica em sensibilidade e ternura.

Uma mulher que apesar de as dificuldades sempre soube ser mãe em todos os momentos, inclusive quando minhas perspectivas de vida se tornaram limitadas por causa de uma prisão necessária. Vi seu poder de luta quando no final de 2013 recebi uma das melhores notícias de minha vida ao ser informado pela assistente social do presídio da capital ter sido um dos aprovados no vestibular de História da UFSC, um sonho alcançado aos quarenta e seis anos de idade e que por circunstâncias até hoje inexplicáveis quase se tornou um pesadelo quando próximo de atingir o regime semiaberto e obter o direito de estudar garantidos pela LEP (Lei de Execuções Penais), fui informado de que seria transferido para a penitenciária de São Cristóvão do Sul, próximo à cidade de Curitiba, o que inviabilizaria a minha matrícula na UFSC para 2014. Ela mediante às idas e vindas à secretaria do departamento de História e às autoridades da DEAP (Departamento de Administração Prisional) em Florianópolis, foi parar na vara criminal de Curitiba, onde em meio ao desconhecido conseguiu sensibilizar o juiz da Comarca desta cidade do meu retorno a Florianópolis e acesso ao ensino superior. Sem ela não conseguiria nada!

Sou grato também à professora doutora Aline Dias Silveira que em 2014 respondia pela Coordenação do Curso de História e que junto com a servidora Cristiane Valério de Souza do curso de História sempre foram solícitas e atenciosas com o empenho de minha mãe. Agradecimentos sinceros aos meus professores, principalmente os das fases iniciais que sempre foram tolerantes, mas não menos exigentes comigo, a exemplo de Fernando Cândido da Silva, Paulo Pinheiro Machado, Beatriz Mamigonian e João Klug. Aos professores Waldir Rampinelli e Waldomiro Lourenço da Silva Júnior que ajudaram a aguçar meu interesse pela América Latina e as lutas dos vencidos na História. E finalmente ao meu orientador Alex Degan, que com seus argumentos embasados na pesquisa me ajudaram a entender algumas facetas da religiosidade dos brasileiros, uma de minhas paixões na História.

## RESUMO

A demonização das crenças afrodescendentes não é algo novo e sempre esteve presente nas entranhas de nossa história. O bispo Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) inaugurou uma nova vertente desse ranço religioso e cultural ao se apropriar de elementos de cultos afrodescendentes e cristianizá-los em prol da expansão de sua igreja. Assim, o descarrego evangélico sem o olhar para a velha África, atraiu um enorme contingente de pessoas que transitavam entre a fé cristã e as crenças de matriz africana. Esses novos cristãos viam na IURD algo com que estavam associados, mas sem o estigma do silenciamento. A contradição se faz na necessidade da igreja Universal combater seu maior concorrente a quem serviu de tantas referências simbólicas, convocando seus fiéis a uma batalha espiritual encarnado na luta contra o mal descrito no livro *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* deixando nosso país no perigoso circuito das intolerâncias religiosas.

**Palavras-chave:** sincretismo; proselitismo; demonização; intolerância religiosa; Edir Macedo.

## ABSTRACT

The demonization of Afro-descendant beliefs is not something new and has always been present in the depths of our history. Bishop Macedo, leader of the Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) inaugurated a new aspect of this religious and cultural staleness by appropriating elements of Afro-descendant cults and Christianizing them in favor of the expansion of his church. Therefore, the evangelical undertaking without looking at the old Africa, attracted a huge contingent of people who transited between the Christian faith and the beliefs of African origin. These new Christians saw in IURD something they were associated with, but without the stigma of forced silence due to preconception. The contradiction arises from the need for the Universal Church to fight its biggest competitor to whom it served as so many symbolic references, summoning its faithful to a spiritual battle embodied in the fight against the evil described in the book *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* leaving our country in the dangerous circuit of religious intolerance.

**Keywords:** syncretism; proselytizing; demonization; religious intolerance; Edir Macedo.

## ÍNDICE

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2 Capítulo 1: BRASIL – O PROTESTANTISMO E O MOVIMENTO PENTECOSTAL</b> <b>.....</b>	<b>21</b>
2.1 A IURD E A NOVA GERAÇÃO PENTECOSTAL (NEOPENTECOSTAL).....	27
2.2 O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO BRASILEIRO.....	32
<b>3 Capítulo 2: UMA AÇÃO MERCADOLÓGICA QUE DEU CERTO.....</b>	<b>36</b>
3.1 EDIR – IURD: PODER MIDIÁTICO.....	41
3.2 A RAIZ DO DISCURSO DE DEMONIZAÇÃO.....	45
<b>4 CAPÍTULO 3: ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS: DEUSES OU DEMÔNIOS?.....</b>	<b>49</b>
<b>5 CAPÍTULO 4: IURD – UMA IGREJA NO COMBATE ÀS CRENÇAS DE</b> <b>TERREIROS.....</b>	<b>55</b>
5.1 CRIMES PRATICADOS PELA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.....	61
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>72</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A demarcação desse trabalho como objeto de estudo é a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e na sua obra literária que transformou no cerne de suas pregações, o livro “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou demônios?”, Escrito pelo bispo Edir Macedo, um líder de um modelo de gerenciamento que fez sua igreja sair de uma antiga funerária e ganhar fiéis em outras partes do mundo.

Esse trabalho visa entender os conflitos surgidos a partir do discurso belicoso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em relação as crenças de matriz africana e o quanto isso favoreceu na sua expansão dentro do trânsito religioso ambíguo tão comum em boa parte dos brasileiros e que são muito bem pesquisados por Ari Pedro Oro, Júlio César Tavares Dias, Ricardo Mariano, Ronaldo Almeida, Artur Cesar Isaia, Vagner Gonçalves da Silva e Valdelice Conceição dos Santos, entre outros escritores sobre o tema. Em síntese, demonstra o quanto um discurso religioso pode ser transformado em discurso intolerante implicando a liberdade religiosa, e o quanto isso pode ser prejudicial no contexto social.

Representa também minhas vivências e observações durante minha permanência no Estado do Rio de Janeiro entre 1977 e 1991, período de grande efervescência Neopentecostal, tornando Edir Macedo e sua igreja, personagens dos mais emblemáticos, através do cerne de seu trabalho que consiste na cristianização das linguagens e rituais afro-brasileiros, onde o discurso de um líder religioso não está dissociado ao discurso da própria instituição religiosa (SANTOS, 2010, p. 53).

Nessa época, no imaginário popular típico dos folhetins do final da década de 1980, com o declínio soviético e o “fim” da Guerra Fria, o Diabo deixou de incorporar nos comunistas e passou a “frequentar” os centros de umbanda e candomblé e isso se deu graças a intensa campanha promovida por pastores da IURD na televisão, rádio e nos templos. Porém, essa estigmatização das crenças de origem africanas sempre existiram mesmo após o fim da escravidão. Foram revitalizados nos pensamentos racistas de Nina Rodrigues que povoaram as primeiras décadas do século XX, e no campo religioso ganhou novas versões através dos discursos mais agressivo dos pentecostais, principalmente com a entrada da Igreja Universal do Reino de Deus no mercado religioso (SANTOS, 2010, p. 40).

Diferentemente de outras igrejas, a IURD não partiu apenas para o ataque verbal, mas procurou dar um novo sentido as manifestações mediúnicas partindo para um sincretismo

às avessas, porém, com sentido totalmente contrários a aqueles conferidos as crenças afro-brasileira no período da escravidão. Conforme Bonifácio “os negros tiveram que redefinir o que seriam suas culturas e como elas se manifestariam (...) obrigando os negros a ocultarem e camuflarem expressões culturais como suas religiosidades” (BONIFÁCIO, 2017, p. 139).

Antes da expansão dos grupos neopentecostais (uma vertente da fé Pentecostal), e em especial da IURD, os evangélicos eram o segmento religioso menos estudado pela academia. Hoje é o grupo cristão que mais desperta interesse dos sociólogos, antropólogos e historiadores (ISAÍIA, SILVA, 2019, p, 104). “É uma igreja que tem suscitado grande interesse não somente no meio religioso mas também jornalístico e acadêmico do Brasil e do exterior” (ORO, 2006, p. 320). Esse crescente interesse surgiu a partir da década de 1980 através da chamada Terceira Onda Pentecostal, na qual demonstrou ser mais ativa em diversos setores da sociedade brasileira, bem como nos meios de comunicação e na política (ALMEIDA, 1996, p.27). Nesse grupo há ainda igrejas que se fazem presentes em boa parte do território nacional, como a Mundial, Graça, Plenitude, Renascer e Sara Nossa Terra.

A IURD foi fundada em 9 de julho de 1977 na cidade do Rio de Janeiro, por Edir Macedo junto com outras lideranças e se expandiu pelo mundo em poucas décadas, tornando-se uma multinacional religiosa. Devido sua importância é considerado pelos estudiosos da religião um marco na história do cristianismo, pois através de seu forte engajamento junto às classes sociais de baixa renda, tornou-se uma das maiores igrejas cristãs do mundo. É inegável sua presença e legado, goste dela ou não.

A igreja de Macedo tem ocupado o noticiário por reaver o clima de intolerância religiosa entre os adeptos da umbanda e candomblé (DIAS; CAMPOS, 2012, p. 356). Ficou também conhecida pela prática de manipulação sagrada de objetos, próprias das religiões afro-brasileiras para transmissão de suas bênçãos (ALMEIDA, 1996, p. 81). Conforme Almeida (2017) a Teologia da Prosperidade, que é o cerne da IURD, surgiu forte principalmente nos anos de recessão econômica entre 1980 e 1990, além do período de nossa economia marcado pelo aumento do consumo nos anos 2000.

Nos anos de 1980, esse movimento apresentou métodos evangelísticos mais arrojados e ousados que a pentecostal clássica (Assembleia de Deus), tornando mais familiar a figura do crente, pregando com um megafone em praça pública, coretos e nos templos espalhados nos centros urbanos e periferias (ALMEIDA, 1996, p. 28). Em 1990, os evangélicos passaram a ser mais observados em virtude da expansão da Universal a ponto

dela ser um divisor de tensão e de padrões, onde algumas de suas características influenciaram até mesmo igrejas tradicionais (principalmente as de confissão Batista e Presbiteriana) nas suas formas litúrgicas e de se aproximarem mais do povo simples, sendo conhecidos como renovados (SPYER, 2020, p. 62-64).

A igreja católica apesar de toda sua rigidez centralizada também cedeu diante do crescimento vertiginoso da Universal, e hoje há um grupo muito forte conhecido como católicos carismáticos, e tem sido uma das vertentes do catolicismo para conter o avanço do pentecostalismo, mas também ao pertencimento a uma identidade cristã de origem (ORO; ALVES, 2013, p. 122). Esses são apenas alguns exemplos de como a religião é um corpo vivo sempre em transformação.

Por aproximar do povo mais sofrido e excluído de nossa sociedade enraizada por diversos preconceitos, atraíram setores de baixa renda com pouca escolaridade, jovens, negros do sexo feminino (SPYER, 2020, p. 79). Atuaram nos presídios e em áreas onde muitas vezes até o poder público ignorava, adentrando na seara onde era mais presente esses excluídos, os negros e os pobres, incursionando entre os povos de terreiros, atuando fortemente com seu proselitismo e as vezes de maneira bem agressiva.

Sempre vivi num ambiente familiar de fé evangélica e espírita. Na minha mocidade deparava com religiosidade híbrida de minha mãe, enquanto meu pai apresentava como única referência religiosa uma pequena imagem da santa negra Anastácia no painel de seu Chevette azul 1974. Entre idas e vindas nos terreiros e nos cultos evangélicos gostava de assistir o pastor televangelista estadunidense Rex Humbard, nas manhãs de domingo e que ficou no ar até 1984 na extinta TV Manchete. Perguntava-me porque suas pregações, sempre expositiva fundamentada em textos bíblicos em torno da pessoa e da obra de Cristo, eram tão diferente dos pastores cariocas que transitavam nas igrejas e na televisão, falando mais de dinheiro e do diabo do que de Jesus. Muitas dessas imagens permaneceram ao longo de minha vida, me desafiando a escrever sobre elas quando entrei no meio acadêmico.

O Estado do Rio de Janeiro foi o berço dos Neopentecostais brasileiros, e minha vida na cidade de Duque de Caxias, RJ, entre 1977 e 1992, foram marcadas pela dúvida quanto ao teor das pregações opressivas em relação aos povos de terreiros, até porque sempre achei que coisas ruins poderiam partir de qualquer pessoa, independentemente de sua religião, e não entendia por que um determinado grupo religioso brasileiríssimo na sua essência era constantemente achincalhado por esses pastores. Décadas depois compreendi que essas ações

eram para desqualificar seus principais concorrentes no concorrido mundo religioso e que era reflexo do nosso racismo religioso. Esse embate passou do mero discurso para o pessoal onde comecei a perceber que as relações com os adeptos dos terreiros passaram a ser mais carrancudas nos discursos e em alguns casos até violentos após a ascensão da Igreja Universal do Reino de Deus no cenário religioso nacional através do seu viés exorcista.

Era instigante para mim, desde menino, ver pessoas do meu convívio me dizer que as entidades cultuadas pelas religiões afrodescendentes eram demônios, que nunca deveria sentar ao lado de uma “macumbeira” ou que deveria passar ao largo de um despacho de uma encruzilhada, pois caso contrário, eu poderia adoecer e até morrer. Como qualquer criança curiosa fazia sempre diferente que os adultos me diziam e até mexia nas oferendas e eu nunca adoeci e aqui estou contando essa história.

Percebi que essas pessoas de trajes brancos, quase todas negras e pobres, não poderiam ser tão más, pois alguns dos meus vizinhos e críticos, além das missas e dos cultos aos domingos, tinham o hábito nas sextas de irem nos terreiros umbandistas. Com tantos problemas econômicos, de saúde e os medos dos bandidos reais, teriam os brasileiros recorridos a esse hibridismo religioso? Levei muito tempo pra entender que foi justamente esse trânsito entre crenças tão diferentes, mas ao mesmo tempo tão próximas que fez a Universal alicerçar-se toda sua estrutura e empreendedorismo, algo que estava distante do imaginário de um jovem iniciante nos frenéticos Anos 80.

É interessante observar que essa religiosidade essencialmente sincrética e mesclada é verificada também na literatura brasileira. No livro “Incidente de Antares” (1971), Érico Veríssimo apresenta ao seu leitor a cidade fictícia de Antares, marcada pela hipocrisia e perversidade de muitos de seus moradores motivados pelo clima político tenso. Veríssimo retrata o perfil de uma faxineira, a Acácia, mulher negra e muito simples, que vivia entre o terreiro afro, sua devoção por Maria, e como gostava de cantar frequentemente ia na Assembleia de Deus para entoar louvores a Deus (VERÍSSIMO, 1997, p. 302). A espontaneidade sem a marca do segregacionismo conferiu a ela a incursão por crenças tão diferentes diante de suas múltiplas necessidades. Hoje em dia, acredito que é muito mais difícil cultivar esse trânsito de forma tranquila e pacífica devido a exposição midiática abusiva em que os povos de terreiros são submetidos.

Reginaldo Prandi a respeito dessas práticas nos meios de comunicação, principalmente na televisão afirma o seguinte:

Programas e mais programas na televisão passam horas mostrando cenas de exorcismo de orixás, caboclos, pombagiras e outras entidades, todas elas identificadas pelo pentecostalismo de cura divina como formas do diabo, mostrando também esses programas longos testemunhos sobre conversos saídos das religiões afro-brasileiras, ou ainda vitoriosos testemunhos de como é possível até mesmo ficar rico quando se doa à igreja tudo que se tem, agora que o dinheiro não é mais visto como coisa do diabo (PRANDI, 1992, p. 89).

Parte da intolerância aos adeptos das crenças afro-brasileiras é fruto da própria pregação de padres e pastores onde colocam o cristianismo como a única religião verdadeira, tomando como base versículos isolados como aquele apresentado pelo apóstolo Paulo em I Coríntios 10:20, que diz: “Antes digo que as coisas que os gentios sacrificam, as sacrificam aos demônios, e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios”. Até que ponto uma pregação nesse sentido em um púlpito acelera mentes a serem preconceituosas e violentas? Conforme o teólogo e escritor Faustino Teixeira: “Essa violência começa nos púlpitos. As pessoas são envolvidas pela linguagem do pastor, do padre e vão para o ataque contra aqueles que pensam diferentes”<sup>1</sup>.

No âmbito evangélico por influência da IURD, hoje em dia é difícil reconhecer se uma determinada igreja é tradicional ou pentecostal apenas pelo nome denominacional, ou se igrejas como a Quadrangular ou Assembleia de Deus de um determinado bairro, são mesmo pentecostais ou neopentecostais, pois os ritos e as crenças estão cada vez mais misturados.

O objetivo desse trabalho é examinar o discurso belicoso e contraditório dessa igreja sobre dois aspectos: o de apresentar em seus cultos práticas afro religiosas, e ao mesmo tempo ter uma posição de confronto religioso aos adeptos e lideranças das religiões de matriz africana como sendo algo macabro, constituindo dessa forma, a própria construção identitária da Universal do Reino de Deus.

---

<sup>1</sup> JORGE, Gilson. **Intolerância religiosa: "A violência começa no púlpito", diz teólogo**. Disponível em: <https://atarde.com.br/muito/intolerancia-religiosa-a-violencia-comeca-no-pulpito-diz-teologo-1111559>. Acessado em 12 ago 2022.

## **2 CAPÍTULO 1: BRASIL – O PROTESTANTISMO E O MOVIMENTO PENTECOSTAL**

O sincretismo sempre fez parte da humanidade. Na Antiguidade, antes mesmo da formação das grandes civilizações e impérios, povos e culturas se misturavam, e o entrelaçamento era algo constante, tanto nos tempos de paz quanto de guerra. Os antigos hebreus, por exemplo, viviam às turras com o seu monoteísmo e sua crença num único Deus. Por mais que tentassem, nunca foi unânime entre seu povo, patriarcas, juízes e reis, que através de seus cotidianos, manifestavam outras formas de cultos estrangeiros, portanto, com a sua religião passando por constantes transformações (ZDEBSKYI, 2018, p. 30-33). O Imperador Romano Constantino (272-372 d.C), em 313, permitiu liberdade aos cristãos mediante a incursão das antigas crenças que povoavam o centro do império romano (XAVIER, 2021,p. 70). O próprio cristianismo incorporado pelo Império Romano tornou-se uma religião entre diferentes culturas e de sistemas religiosos diferentes (SANTOS, 2010, p. 25). No Brasil o sincretismo foi algo presente e marcante entre as crenças populares através de suas trocas, resistências, experiências e interesses.

Na Inglaterra do século XVIII existiu o Movimento Metodista, que veio a ter forte influência dentro do Pentecostalismo moderno do início do século XX. Esse movimento liderado por John Wesley se baseava na leitura da Bíblia, prática da oração, jejum e amparo aos mais necessitados, sob o legado de renovar o espírito cristão ou coração aquecido em meio a uma sociedade opressora que cresceu junto com a Revolução Industrial e teve reflexos inclusive na luta contra a escravidão e na causa operária (DORNELLAS, 2002, p.10).

Na Europa do início do século XIX, as guerras napoleônicas e conseqüentemente à chegada da família imperial ao Brasil em 1808, acabaram contribuindo um pouco para mudança da mentalidade religiosa na América Portuguesa, através da assinatura do tratado de Aliança e Amizade e de Comércio e Navegação entre Portugal e Inglaterra em 1810, sendo concedida aos estrangeiros alguma liberdade para praticarem sua fé dentro do protestantismo de imigração, mas suas manifestações de fé deveriam restringir ao culto doméstico ou particular (DE MATOS, 2011, p. 8).

Durante o Segundo Império (1840-1889), apesar do imperador D. Pedro II sinalizar alguma abertura através de uma política liberal que permitia algumas liberdades, o Brasil levou muito tempo para absorver a ideia de tolerância religiosa, onde o cidadão não católico

há um século atrás, tinha o risco de perder posição social, ou seja: existia no Brasil uma sociedade em que ser católico era a condição para ser brasileiro (PRANDI, 2011 p.1.). A figura do padre ou do bispo era tão imponente quanto ao administrador local. Isso aconteceu por que o catolicismo marcou sua presença sobre a proteção do Estado mantendo privilégios através do sistema do padroado e nesse caso, as religiões afro-brasileiras sempre foram silenciadas e perseguidas e essa situação nunca mudou e os evangélicos sabem que no passado não muito distante, também sofreram rejeição.

O protestantismo missionário entre 1835 e 1889, que se estabeleceu no país através dos metodistas, presbiterianos, congregacionais, luteranos e batistas (CAVALCANTI, 2001, p. 66), teve muitas dificuldades entre os brasileiros imbuídos dentro de uma sociedade hostil, desigual, intolerante e preconceituosa. Em relação ao trabalho dos presbiterianos, Cavalcanti cita o seguinte:

Os presbiterianos são proibidos de enterrar os seus mortos em cemitérios locais, os jornais e o público protestam a construção de templos presbiterianos, seus leigos são detidos pela polícia local por frequentarem cultos não-católico, e alguns dos santuários erigidos pela Igreja são apedrejados. Só no período da primeira República mais de 80 casos de perseguição religiosa são documentados contra a Igreja Presbiteriana (CAVALCANTI, 2001, p. 76-77).

Mas quando essas missões protestantes conseguiram se estabelecer ajudaram a mudar a mentalidade religiosa, quebrando alguns estereótipos na nossa sociedade. O primeiro deles foi simbólico, mas de grande representatividade no imaginário brasileiro, quando os primeiros lugares próximos ao púlpito eram ocupados por quem chegassem primeiro ao culto protestante, independentemente da sua condição social e dessa forma, tanto o pobre quanto o mais abastado, tinha ali dentro uma mesma perspectiva de igualdade. O mesmo não acontecia na missa católica, onde o pobre era esperado ceder os melhores lugares para as pessoas mais importantes da sociedade (SPYER, 2020, p. 142).

Outro reflexo importante da chegada das missões protestantes foi o incentivo que os crentes recebiam para lerem a Bíblia e muitos acabaram sendo alfabetizados através dessa leitura (CALVANI, 2009, p. 60). O crente era impulsionado para a leitura o que tornou um grande diferencial para a época e o estudo da palavra de Deus era algo constante nessas igrejas de missões através das escolas bíblicas estabelecidas dentro das diferentes denominações (DE MATOS, 2011, p. 10). A educação foi um grande fator de aproximação entre esses pioneiros.

Nos Estados Unidos, país exportador de religiões, algo diferente estava acontecendo em 1906 numa igreja abandonada da Rua Azusa, 312, no centro de Los Angeles. Um grande reavivamento espiritual protagonizado por religiosos negros protestantes metodistas e batistas e por pessoas vinculadas às classes trabalhadoras. Rapidamente atravessou oceanos ganhando populações no mundo inteiro, principalmente entre os mais carentes e desassistidos (SPYER, 2020, p. 57). De um movimento minúsculo formado pelos mais humildes economicamente, tornou-se um dos grupos mais numerosos do cristianismo com estimativa para em 2025 atingir 1 bilhão de pessoas (ALMEIDA, 2021, p. 2).

Apesar de o Pentecostalismo não ter chegado no Brasil por afrodescendentes, os missionários brancos (italo-americano e suecos) que aqui chegaram no início do século XX vieram do avivamento da Rua Azusa (ISAIA; SILVA, 2019, p. 106). “O movimento se estendeu por outras partes do mundo, através dos testemunhos e experiências dos missionários protestantes norte-americanos” (SANTOS, 2010, 29). Esse movimento se notabilizou em reunir no mesmo templo hispânicos, brancos e negros e deu a mulher uma condição de igualdade em relação aos homens, assumindo cargos de lideranças numa época em que nem podiam votar e mesmo estando inseridos dentro de uma sociedade predominantemente protestante sofreram muita perseguição e intolerância.<sup>2</sup>

A chamada Primeira Onda Pentecostal, a Pentecostal Clássica que chegou em terras brasileiras, foi oriunda desse movimento espiritual. Ironicamente o Brasil, país de maior fé pentecostal no mundo, foi estabelecida por missionários vindos de igrejas tradicionais da cidade de Chicago, E.U.A., que fora contagiada pelo grande evento na costa oeste estadunidense. Da Igreja Presbiteriana Italiana, veio o italo-americano Louis Francescon (1886-1964) que deu origem a Igreja Congregação Cristã no Brasil em 1910, atuando inicialmente com a comunidade italiana no país e que hoje conta com quase três milhões de membros, e da Igreja Batista da mesma cidade estadunidense veio Daniel Berg (1884-1963), que associado a Gunnar Vigren (1879-1933) fundaram a Assembleia de Deus em 1911 na cidade de Belém, no Pará (MONTEIRO, 2010, p. 128).

Hoje as duas maiores convenções da Assembleia de Deus contam com mais de 15 milhões de membros. A Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus, foram as duas primeiras igrejas pentecostais estabelecidas no Brasil pelo trabalho missionário estrangeiro,

---

2 O reavivamento da Rua Azusa (Los Angeles). Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7zkelqWTlXg>. Acessado em 16 ago 2022.

onde o pentecostalismo representa na atualidade a grande maioria dos evangélicos (DE MATOS, 2006, p.23). As características principais da primeira onda pentecostal é a incansante busca pelo batismo no Espírito Santo e conseqüentemente em falar em línguas.

Além desses dois exemplos, temos ainda a trajetória do missionário canadense Robert McAlister, fundador da Igreja de Nova Vida nos anos de 1960, onde seu pai esteve presente no avivamento da rua Azusa com grande repercussão no Canadá (ISAIA; SILVA, 2019, p. 106). Robert McAlister tornou-se um proeminente pastor Pentecostal no Brasil entre os anos de 1960 e 1993 e que muito influenciou no surgimento das lideranças das igrejas neopentecostais. A Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada em 1923 em Los Angeles também é originária desse avivamento e é muito conhecida no país (DE MATOS, 2006, p. 23).

A respeito do Protestantismo de Missão, e o Pentecostalismo Clássico, deixaram uma herança que hoje anda em desuso em muitas igrejas que não investem mais no ensino e na educação de seu povo, mas na manutenção do obscurantismo, onde uma simples toalha com suor de um apóstolo, bispo ou pastor é disputada como se fosse uma relíquia cobiçada pelos devotos ou quando pesados desafios são feitos como se a igreja regredisse no tempo das famosas indulgências que a própria Reforma Protestante se prestou a combater. “Alguns estudiosos chegam a atribuir o termo neocatolicismo, por se tratar de práticas litúrgicas e conceitos teológicos que se parecem mais com o catolicismo medieval do que com o pentecostalismo clássico” (ALMEIDA, 2021, p. 19).

Essa regressão tem sido muito parecida com o que existiu no catolicismo do século XVI, e isso se dá através dos cultos centrados na promessa de concessão divina, serviços mágico-religiosos cedidos através dos sacrifícios financeiros dos seus fiéis (RABUSKE, 2015, p. 264). Fica aqui um questionamento: até onde uma igreja pode ser cristã se ela usa meios mágicos para se relacionar com Deus? Hoje em alguns aspectos, a igreja que Lutero tentou reformar é mais evangélica que muitas denominações neopentecostais. Santos (2010) assim define esse período:

A Idade Média foi um período desses em que a intolerância religiosa se tornou visível com requintes de violência, principalmente contra os judeus, árabes e os cristãos considerados “heréticos”. Já no início dos tempos modernos a perseguição dos protestantes, das bruxas ou feiticeiras e dos livres pensadores, pode ser apresentada como exemplos históricos de intolerância. (SANTOS, 2010, p. 92).

Na década de 1950 o cenário religioso nacional ganhou novas formas e versões com a chegada da Segunda Geração Pentecostal no Brasil, até porque uma das características desse

grupo cristão é que ele nunca foi homogêneo. Além da *Igreja Católica*, das crenças de matriz africana, das igrejas históricas protestantes e das pentecostais clássicas, abriu espaço também para as novas vertentes do Pentecostalismo, a saber: *Igreja do Evangelho Quadrangular* (1953); *O Brasil Para Cristo* (1956); *Nova Vida* (1960); *Deus é Amor* (1962) e a *Casa da Bênção* (1964) entre as principais e que estão presentes em boa parte do território nacional. Essas igrejas davam mais ênfase na cura divina e ao proselitismo.

A *Igreja do Evangelho Quadrangular* se notabilizou com seu sincretismo da seguinte maneira: “Para atrair um público católico, a Igreja Evangélica Quadrangular utilizou o catolicismo popular, como as novenas e de canções bastante conhecidas, cantadas nas igrejas católicas” (DELGADO, 2008, p. 105). A IEQ está presente no Brasil desde 1951 e introduziu também o conceito de ungir objetos (DELGADO, 2008, p. 12). Foi uma das primeiras igrejas a apresentar um modelo de adaptação da mensagem cristã, as técnicas religiosas para a nova sociedade de massas e a admitir mulheres na condição de pastoras (ALMEIDA, 2021, p. 17).

Manoel de Mello, fundador da *Igreja Brasil para Cristo*, constituiu essa denominação como a pentecostal genuinamente brasileira e foi pioneiro em relação a atuação dos pentecostais na política, sendo inclusive perseguido pela Ditadura após ter denunciado abusos do regime ao CMI (Conselho Mundial de Igrejas) (ALMEIDA, 2021, 18), enquanto que a *Deus é Amor* caracterizou-se pela rigidez comportamental e nas transmissões radiofônicas com grande ênfase ao exorcismo e cura.

Mesmo sendo pentecostais essas igrejas da segunda onda são bem diferentes tanto na liturgia quanto no rígido código comportamental, e o que tinham em comum eram as mensagens contrárias as manifestações das crenças afro-brasileiras e a busca da cura divina, além de outras características herdadas das pentecostais clássicas (DE MATOS, 2006, p. 39).

Essas igrejas estabeleceram alguns dogmas como ungir objetos, uso da mídia, e adoção de práticas religiosas sincréticas, mas de formas comedidas. Essas igrejas assim como qualquer outra religião estavam interessadas no potencial de fiéis brasileiros. Artur Cesar Isaia e Elizete da Silva, no artigo “A história de uma Ialorixá sob a ótica de um pastor canadense: Robert McAlister e as Religiões Afro-Brasileiras”, definem bem esse crescimento: “Em um país onde a carência de médicos e políticas de saúde pública, a cura divina para os males do corpo e da alma era um atrativo assaz sedutor para as camadas médias e trabalhadores em geral”. (ISAIA; SILVA, 2019, p. 107). As próprias características culturais brasileiras se encarregaram de contribuir para o avanço pentecostal no país (SANTOS, 2010, p. 30).

Em 1960 o sociólogo René Ribeiro desenvolveu uma interessante tese sobre o crescimento do Pentecostalismo no Brasil: que havia um continuum entre a religiosidade mágica de origem afrodescendente, o catolicismo popular e os rituais e doutrinas pentecostais (RIBEIRO, 1962, p.16). Ou seja: buscou uma coexistência entre o transe pentecostal e as entidades mediúnicas e há a defesa da face predominantemente negra do Pentecostalismo brasileiro (ISAIA; SILVA, 2019, p. 1120. Essa tese é igualmente, defendida por Gilberto Velho da seguinte forma:

Transe, possessão e mediunidade são fenômenos religiosos recorrente na sociedade brasileira. No candomblé, na umbanda, no espiritismo, no pentecostalismo e em outros grupos religiosos, entidades, espíritos, guias, o Espírito Santo, orixás descem ou sobem, se incorporam, se comunicam etc. através de cavalos, aparelhos, ou do que costumamos denominar de indivíduo agente empírico, unidade significativa da sociedade ocidental moderna nos termos de Louis Dumont (VELHO, 1991, p. 124).

Ivar Vingren, filho de Gunnar Vingren, um dos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, cita em seu livro “Diário do Pioneiro”, que constantemente as manifestações do Espírito Santo no meio do povo da igreja eram confundidos pelos transeuntes como sendo manifestações de espírito de mortos (VINGREN, 2001, p. 65).

O crescimento das igrejas pentecostais na década de 1960 despertou muita atenção e era preciso estabelecer um modelo que pudesse dar uniformidade à tese de Ribeiro. Acredito que a tese de Ribeiro ajustou o pensamento da nova geração pentecostal que despontou a partir de 1977 para atrair membros dos cultos afro-brasileiros, do catolicismo popular e do espiritismo (ISAIA; SILVA, 2019, p, 109). Edir Macedo se apropriou exacerbadamente das práticas religiosas mediúnicas, não se limitando apenas no combate, mas ressignificando um sentido diferente aos seus rituais. Ele estabeleceu os fundamentos de sua igreja por ter profundo conhecimento da religiosidade dos brasileiros (SANTOS, 2010, p. 50).

Macedo teve a sensibilidade de entender que boa parte da nossa população transitava entre duas religiões, uma social e a outra oficial através da frequência regular em ambientes religiosos diferentes. É comum por exemplo, muitos cristãos acreditarem em fenômenos mediúnicos e buscarem descarrego nos terreiros ou nas igrejas onde práticas cristãs se confundem com a da umbanda e foi exatamente nesse ambiente ambíguo que a IURD soube explorar e vivenciar um contagiante crescimento até o início dos anos 2000.

## 2.1 A IURD E A NOVA GERAÇÃO PENTECOSTAL (NEOPENTECOSTAL)

Do ponto de vista histórico a religiosidade afro sempre esteve presente no movimento pentecostal moderno iniciado em 1906 nos Estados Unidos com grande afluência de afrodescendentes e pessoas vinculadas às classes trabalhadoras (ISAIA; DA SILVA, 2019, p.106). A IURD está inserida dentro dessa realidade. Certamente Macedo teve conhecimento dessa origem pentecostal e parte disso, se deve ao seu contato com o missionário Robert McAlister (1933-1993) no Rio de Janeiro e que combatia a umbanda e o candomblé desde os anos de 1960 através de práticas proselitistas midiáticas (ISAIA; SILVA, 2019, p. 105).

Robert McAlister era um pastor pentecostal reformador e rompeu com a Assembleia de Deus nos anos 1960, fundando a Igreja de Nova Vida onde se aproximou-se de grupos carismáticos presbiterianos, que na década de 1960 representavam a elite protestante no país. Ele contribuiu com o movimento neopentecostal ao dar ênfase a Teologia da Prosperidade, pedindo muito dinheiro para investir em seu ministério nos meios de comunicação disponíveis da época, chegando a afirmar em seu livro “Dinheiro um assunto altamente espiritual” que: “Se você deseja garantir o seu futuro financeiro, pague seu dízimo. Dê também ao Senhor ofertas de amor. Mesmo estando em situação crítica, como a viúva de Sarepta, obedeça ao Senhor.” (MCALISTER, 2010, p. 79).

Foi autor de livros como “Mãe de Santo” (1968); “Crentes Endemoninhados: A Nova Heresia” (1975), e “A Dimensão Oculta da Fé” (1987). Edir Macedo se desvinculou de seu mentor, mas, com certeza, foi fortemente influenciado por suas convicções através de suas obras literárias e na sua pregação, sempre pedindo dinheiro de forma atraente. A grande diferença é que enquanto o missionário canadense visava principalmente a classe média e culta começando pelos presbiterianos renovados, onde existia a elite evangélica da época, Macedo inicialmente se concentrou na grande massa esquecida e periférica do Rio de Janeiro.

O que mais caracteriza uma igreja neopentecostal é a prática do exorcismo e a mensagem da prosperidade. Elas também são conhecidas por não serem legalistas e em dar ênfase aos eventos do Velho Testamento que se misturam com práticas sincréticas e mágicas, tais como a utilização crescente de objetos e rituais como mediação do sagrado (DE MATOS, 2006, p. 45). Macedo Alicerçou sua igreja, situando entre evangélicos e as religiões afro-brasileiras, constituindo de pedaços de outras crenças, mesmo que concorrentes (ALMEIDA, 2003, p. 340-41).

É importante observar que nem todas as igrejas neopentecostais têm sua origem em torno de Edir Macedo onde a Universal do Reino de Deus tornou-se igreja mãe de muitas outras denominações como veremos em seguida. Nos Estados Unidos os neopentecostais, já eram conhecidos desde 1960 onde fenômenos pentecostais ocorreram dentro de igrejas tradicionais e isso se refletiu também no Brasil, surgindo assim a Igreja Batista Nacional, a Igreja Metodista Wesleyana e a Igreja Presbiteriana Renovada, entre outras (DE MATOS, 2006, 40).

Edir Macedo juntou todos esses valores, como que estivesse atualizando a fé com o que já existia no meio pentecostal, onde segundo Campos (1997) a sua principal mensagem seria a teologia da prosperidade visando saúde, finanças e amor (CAMPOS, 1997, p. 139). Essas influências se devem por causa de sua trajetória pelo catolicismo, pela umbanda, e finalmente pelo pentecostalismo até fundar sua própria igreja em 1977. A respeito disso, temos o seguinte depoimento do próprio Macedo:

Eu era uma pessoa triste, deprimida, angustiada. No fundo do poço busquei a Igreja Católica e só encontrei um Cristo Morto. Aquilo não satisfez o meu coração e parti para o espiritismo, mas as ideias que ali encontrei já não se aglutinavam com as minhas. Então um dia tive esse encontro pessoal com Deus (...). Estava em uma reunião pública, de evangelistas, na sede da Associação Brasileira de imprensa no Rio. As pessoas cantavam e de repente desceu uma coisa sobre nossa cabeça, nosso corpo, como se estivéssemos sendo jogados debaixo de um chuveiro. Foi algo ao mesmo tempo físico e espiritual abstrato e concreto. Pude ver como se estivesse descendo ao inferno. Caí em prantos, então a mesma presença me apontou Jesus. Foi quando nos convertemos e nos entregamos de corpo e alma e espírito (Folha de São Paulo 20.06.91 p.13 apud MARIANO, 1999, p. 55).

Ele deixou a Nova Vida em 1975 e junto com seu cunhado Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R.R Soares, fundaram a Cruzada do Caminho Eterno que veio a dar origem a Igreja Universal do Reino de Deus, em 9 de julho 1977, sendo a IURD protagonista do movimento neopentecostal brasileiro (ALMEIDA, 2021, p. 19). Após divergências de ambos na disputa pela hegemonia, seguiram caminhos opostos, mas dentro do segmento evangélico neopentecostal (ALENCAR, 2020, p. 36). Macedo, saiu insatisfeito da Nova Vida, acusando McAlister de ser elitista voltado para a classe média (MARIANO, 2005, p. 52), reclamando que não teve apoio. Por sua vez, outras lideranças da época acusavam Macedo de querer ser mercantilista. Macedo registrou essa rejeição da seguinte maneira: “Na Nova Vida, não me consideravam com unção nem para abrir e a fechar as portas na hora dos cultos. Fiquei um tempo imenso, para mim uma eternidade, aguardando uma chance. Onze anos depois, me convenci de que não podia mais esperar. Era hora de dar uma virada” (MACEDO, 1984, p.5).

O fato curioso é que quando Robert McAlister reformulou a liturgia da Nova Vida, dando a ela um aspecto mais tradicional voltado ao ensino através da criação de seminários bíblicos e escolas dominicais, acabou estabelecendo um clima de cisão com a saída de iminentes lideranças que deram início as primeiras igrejas denominadas neopentecostais no Rio de Janeiro, a saber: a *Igreja Universal do Reino de Deus*, dirigida pelo bispo Edir Macedo, a *Igreja Internacional da Graça de Deus*, R.R. Soares e a *Igreja Cristo Vive* do apóstolo Miguel Ângelo (BRAGANÇA, 2016, p. 341). Essas igrejas se inspiraram em três pilares: combate ao diabo; valorização da prosperidade material mediante a contribuição financeira e a ausência de legalismo (MARIANO, 2005, p. 51).

Ao escrever o livro “Crentes Endemoniados: A nova heresia” em 1975, quis McAlister expressar todo seu descontentamento ou arrependimento com aquilo que ele mesmo ajudou a criar? Com base nisso, seu sucessor, Walter McAlister, mudou o nome da igreja Nova Vida, trocando o termo pentecostal por cristã, sendo hoje conhecida como igreja Cristã de Nova Vida, mas mantendo seu autorreconhecimento como sendo uma denominação pentecostal reformada (BRAGANÇA, 2016, p. 341).

O fundador da IURD consolidou-se numa liderança que controlava a igreja com “mãos de ferro”, principalmente a produção e distribuição de bens simbólicos naquela igreja (SANTOS, 2010, p. 11). Uma das posturas mais eloquentes do discurso de Macedo foi sua agressividade voltada para os povos de terreiros e por algumas vezes contra o catolicismo, algo que por muito tempo ficou escancarado nos noticiários de televisão, nos anos de 1990.

Certamente o bispo Macedo, não deixou o serviço público fluminense, como chefe da tesouraria da Loteria do Estado do Rio de Janeiro (LOTERJ) para ficar espremido entre tantas outras igrejas que já existiam no bairro da Abolição na zona norte da cidade do Rio de Janeiro em 1977, e em menos de 20 anos, tornou-se uma das maiores denominações evangélicas do país. Macedo sempre foi movido por uma inquietação pessoal e por ambições evangelísticas, deixando a LOTERJ para se dedicar às pregações da Bíblia em praças públicas e nos bairros periféricos e na região metropolitana do Rio de Janeiro (ALENCAR, 2020, p. 33).

A estratégia de Edir Macedo deu muito certo, porém, seu estrelismo em querer centralizar todo seu Império fez perder lideranças importantes cortando espaço de quem crescia dentro de sua igreja e o resultado disso foi a pulverização do seu modo de operação onde as crenças de terreiros deixaram de ser seus únicos concorrentes. Macedo soube muito

bem explorar as tendências religiosas do povo, mas seu desejo de manter hegemonia lhe custou um alto preço, pois a IURD vem perdendo fiéis a cada ano como verificados no último censo, de cerca de três milhões em 2000 para menos de dois milhões em 2010, devido ao seu modelo proselitista ser seguido por outras denominações neopentecostais.

O rápido crescimento da Universal nos primeiros dez anos fez com que surgisse rapidamente outras denominações neopentecostais no país pois sua estratégia de expansão partindo de uma ofensiva espiritual caiu no gosto dos brasileiros. A partir da IURD esse cenário a nível nacional foi ampliado pela *Igreja Internacional da Graça de Deus*, fundada em 1980 por R.R. Soares; a *Igreja Mundial do Poder de Deus*, fundada em 1998 pelo apóstolo Valdemiro Santiago, e a mais recente divisão dentro da IURD, aconteceu com o surgimento da *Igreja das Nações do Reino de Deus*, em 2020, por Romualdo Panceiro, que saiu descontente com os planos de Macedo de deixar o futuro da IURD no plano familiar com a ascensão de Renato Cardoso (sogro de Macedo).

Outra igreja que tenta ganhar adeptos através desse discurso é a *Plenitude Apostólica do Trono de Deus*, fundada em 2006, pelo excêntrico apóstolo Agenor Duque, que largou a Mundial criando sua própria denominação. Entre esses bispos, pastores e apóstolos há uma acirrada disputa e acusações mútuas explícitas nas mídias e nos cultos<sup>3</sup>. Mas entre eles, há algo em comum: a disputa pelos fiéis, desqualificando principalmente as religiões afro-brasileiras, vistas como práticas condenáveis e inimigos da fé cristã. A impressão que muitos desses pastores deixam na mente das pessoas é que são direcionados com o único objetivo de atrair novos crentes dentro de um competitivo e lucrativo mercado religioso, onde os rituais de descarrego são campeões de público e a principal atração dessas igrejas (SANTOS, 2010, p. 30).

Uma característica comum que faz das igrejas neopentecostais diferentes das demais é que são comandadas como se tivessem um dono, proporcionando um clima de disputas onde é comum um se referir ao outro negativamente, imersos num ambiente espetaculoso, onde o espaço na TV, na mídia em geral e conchavos políticos são vitais para seus propósitos (CUNHA, 2012, p. 106). Tavoralo (2007) cita bem esse clima de agitação por “almas”: “Ele vai aonde eu vou. Busca gente em nossa igreja em vez de pregar lá fora, onde há tantas pessoas sofridas. Mas não tem problema”. Afirma o Bispo Macedo em relação ao seu

---

<sup>3</sup> Em vídeo, líder da Igreja Mundial desafia Edir Macedo a abrir contas. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=8KfN7-k90D8&ab\\_channel=FolhadeS.Paulo](https://www.youtube.com/watch?v=8KfN7-k90D8&ab_channel=FolhadeS.Paulo). Acesso em 29 ago 2022.

cunhado R.R. Soares (TAVOLARO, 2007, p.115). Por serem personalistas, onde seus líderes estão atrelados a própria imagem da igreja, muitas dessas denominações encontraram dificuldades em se manterem após a morte dos seus fundadores.

Sobre essa personalização, Almeida faz a seguinte observação: “Apesar de estilos diferentes, a influência sobre os fiéis, e a capacidade de centralização do poder eclesiástico em nada deve ao que encontramos na relação do bispo Macedo com a IURD” (ALMEIDA,1996, p. 6). A Revista Forbes especializada em negócios divulgou a lista dos cinco pastores mais ricos, ou melhor milionários no Brasil, curiosamente todos são defensores da Teologia da Prosperidade e Edir Macedo lidera essa lista com folga, seguido por Valdemiro Santiago, Silas Malafaia, R.R Soares e Estevam Hernandes (Renascer em Cristo)<sup>4</sup> Esses pastores viram no sincretismo religioso algo nato entre boa parte da nossa população pois o povo gosta de se associar com coisas que lhes são peculiares. O problema consiste em querer direcionar a fé do povo através de mecanismos que fogem à razão dentro de uma fé inteligente e libertadora.

O crescimento neopentecostal em décadas passadas e que agora parece estar estancado também coincide com outro fenômeno religioso no Brasil: O segmento dos sem religião que cresceu percentualmente, e chegou a 10% da população em 2020, percentual esse, só menor que de católicos (50%) e de evangélicos (31%). Os espíritas, incluindo as religiões afrodescendentes ocupam 5%<sup>5</sup>. Estaria esse imenso percentual dos sem religião motivado por algum desencantamento com os rumos da igreja no Brasil e seus sucessivos escândalos?

Segundo o teólogo e escritor Idauro Campos, curiosamente 62% dos evangélicos “desigrejados” no Brasil saíram das igrejas neopentecostais (CAMPOS, 2013, p. 30). O pesquisador José Álvaro Campos Vieira destaca que: “o que mais intriga os sem religião em relação aos indivíduos que seguem uma religião e às Igrejas é o preconceito, o fanatismo, o falso moralismo e o mercado da fé” (VIEIRA, 2015, p. 609).

O que também tem causado rupturas e afastado muitas pessoas das igrejas são os escândalos que não se limitam somente pelo pecado do amor ao dinheiro, vilipêndio religioso,

---

4 WIKIPÉDIA LUSÓFONA. **Lista das pessoas mais ricas do Brasil (Forbes)**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista\\_das\\_pessoas\\_mais\\_ricas\\_do\\_Brasil&oldid=64263720](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Lista_das_pessoas_mais_ricas_do_Brasil&oldid=64263720). Acesso em 29 ago 2022.

5 G1 POLÍTICA. **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acessado em 03/06/2022.

ganância, envolvimento político fraudulento e ao falso moralismo, mas também de assassinatos como o mais recente envolvendo a pastora, cantora e deputada federal Flordelis acusada no envolvimento da morte de seu esposo e também pastor Anderson do Carmo, em 2019. As investigações em torno dos crimes envolvendo Flordelis nos revelam uma vida de fachada e deboche. Em 2010, o apresentador José Luiz Datena fez uma dura menção aos ateus quando fez relação aos crimes bárbaros como a ausência de Deus na vida das pessoas, da seguinte maneira: “Um sujeito que é ateu não tem limites. É por isso que a gente vê esses crimes aí”.<sup>6</sup> O crime de Flordelis tem muito a nos ensinar nesse sentido.

Quando pastores se prestam ao fanatismo, as negociatas e aos atos ilícitos, o Deus que pregam certamente não está presente e sim suas consciências propícias a todo tipo de malandragem e corrupção, e suas vidas nunca foram transformadas.

## 2.2 O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO BRASILEIRO

Somos reflexos de numa sociedade em que as pessoas são encaradas de forma muito desigual e os nossos contrastes religiosos não fogem a essa regra. A marca dessa intolerância não foi estabelecer igrejas separando brancos e negros, mas sim a ideia persistente de uma religião querer prevalecer sobre as demais, seja por tradição ou por força política e hoje isso é muito visível no combate às crenças de terreiros, onde há uma distinção entre o “nós” e os “outros” como se o nós tivesse algum valor e o outro não, ignorando seu saber religioso, extraindo dela somente o que lhe é de interesse que são seus ritos e suas linguagens, dando a eles um significado cristão. Essa estratégia sincrética foi muito bem explorado pela IURD, que conforme Frank Antonio Mezzomo, em seu artigo “Nós e os Outros”, que tem como propósito estudar a conversão dos adeptos das crenças afro-brasileiras e consequentemente ampliar sua fatia no mercado religioso através de um intenso proselitismo (MEZZOMO, 2008, p. 3).

Essa questão está intimamente ligada ao racismo estrutural que marca a história brasileira e no campo religioso isso fica muito evidente quando igrejas praticam a cristianização dos rituais de terreiros, dando a eles uma essência branca, cristã e de Deus

---

<sup>6</sup> CARTA CAPITAL. **Band é condenada por relacionar ateus a crimes bárbaros.** Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/band-e-condenada-por-relacionar-ateus-a-crimes-barbaros/>. Acessada em 29 ago 2022.

enquanto o outro lado carrega o estigma de ser algo relacionado ao diabo (MONTEIRO, 2006, p. 59-60).

No passado até 1960, eram as forças policiais vinculadas as delegacias de costumes encarregados de silenciar o canto e os tambores dos terreiros e outras manifestações culturais dos negros como a capoeira, rodas de samba e a congada (BONIFÁCIO, 2017, p. 141). Hoje além dessa possibilidade<sup>7</sup>, há ainda a agressividade nas pregações de pastores da IURD e de outras denominações cristãs que viram nas diferentes crenças de matriz africana uma grande possibilidade de crescimento e é nisso que se baseia o discurso intolerante iurdiano. O que fica evidente é que essa perseguição não se restringe somente ao âmbito religioso, ela é também cultural e midiática a ponto de se perguntar se há um projeto político religioso querendo transformar o Brasil num país de fundamentalistas religiosos.

O fundamentalismo geralmente é carregado de muita violência que nem sempre é apenas simbólica, em nada contribui para uma sociedade ambígua. O termo pode estar vinculado em muitas religiões e no contexto cristão é associado a um segmento do protestantismo estadunidense no início do século XX (PACE, p. 15, 2017). É um movimento que interfere nas relações com as minorias religiosas na “luta contra o inimigo”, contrários a alguns conceitos científicos que confrontam suas crenças, bem como as novas interpretações do texto bíblico (PACE, p. 19, 2017). Que conforme Rocha (2014) constitui como a única detentora e protetora do Bem e da Verdade (ROCHA, p. 764, 2014).

O fundamentalismo cristão não age somente no segmento religioso, mas na política também, sendo uma vertente do conservadorismo que dominou nossa política na última década e tem forte engajamento entre os neopentecostais. A miserabilidade do povo acrescido da falta de educação tem sido cenário favorável aos radicais religiosos que ameaçam a própria democracia, pois odeiam a liberdade fora de suas bandeiras, recorrendo à democracia, sem serem democráticos (SOUZA, 2017, p. 102).

Na política uma das características dos fundamentalistas é o hábito de demonizar políticos de acordo com seus interesses (VILLASENOR, 2010, p.159). O fundamentalismo enraizado na IURD tem como objetivo chegar ao poder político tornando uma grande ameaça as instituições democráticas e ao Estado Laico.

---

7 O TEMPO. **Dono de terreiro de umbanda denuncia ataque de policiais.** Disponível em: <https://www.otempo.com.br/cidades/dono-de-terreiro-de-umbanda-denuncia-ataque-de-policiais-1.1538111>. Acessado em 23 mai 2022.

A IURD entre seus bispos e pastores, a cada eleição procura eleger parlamentares nas várias esferas do poder político, usando principalmente a sigla partidária Republicanos, antigo PRB (ALENCAR, 2020, p. 33). De acordo com o professor Waldir Rampinelli, do departamento de História da UFSC, que atuou como padre nas cidades de Imaruí e Imbituba, em entrevista cedida para este trabalho acadêmico, traz a seguinte citação sobre fundamentalismo religioso: “O fundamentalismo representa perigo, pois ela atua para atacar e eliminar os que pensam diferente, dessa forma o descarrego que a IURD promove nos seus templos é de Deus, enquanto que o que é praticado nos terreiros é do demônio”. É o descarrego mediúnico ganhando novas versões. Sem a laicidade o Brasil já estaria entregue ao obscurantismo.

Dentro de uma perspectiva do fundamentalismo religioso, há sempre um grupo perdendo, sendo escorraçado, diminuído, amaldiçoado e perseguido, que no nosso caso, são enfaticamente os adeptos das religiões de matriz africana, genericamente chamados de “macumbeiros” por seus acéticos. O antropólogo Roger Bastide define a palavra macumba “como sinônimo de agrupamento de pessoas num ritual de origem africana; uma transformação do candomblé ou mesmo uma perda dos valores tradicionais ao culto dos orixás” (AMORIM, 2013, p. 6).

O objetivo principal desse fundamentalismo é ter o controle, o domínio e a missão de extirpar da sociedade as crenças afrodescendentes das áreas urbanas (onde é cada vez menor a existência de centros ou terreiros de crenças mediúnicas) onde há uma maioria branca e cristã. Felizmente as instituições em nosso país são mais fortes que nossa recente democracia, caso contrário, já estaríamos num abismo muito mais profundo sob influência de pastores nas diversas pastas ministeriais, a exemplo dos recentes escândalos envolvendo pastores no Ministério de Educação.<sup>8</sup>

Um ano antes das eleições presidenciais de 7 de outubro de 2018, poucos acreditavam que um deputado federal do baixo clero e sem um trabalho parlamentar relevante poderia lograr êxito nas eleições presidenciais. Portanto, é necessário alertar a sociedade contra uma possível manobra do fundamentalismo político-religioso em andamento (ALMEIDA, 2017 p. 3,). Embora não haja um partido político a bancada evangélica é uma das maiores do Congresso Nacional, destinadas a defenderem pautas conservadoras.

---

<sup>8</sup> <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/06/25/comprovantes-mostram-depositos-na-conta-de-parentes-de-pastores-envolvidos-em-escandalo-do-mec.ghtml>. Acessado em 15/10/2022.

Relembrando um passado de lutas e perseguições é incompreensível que os evangélicos, que representam quase 40% da nossa população, compactuem com qualquer forma de intolerância religiosa, discursos de ódios e desprezo pela causa democrática, independente de ser protestante histórico, pentecostal, renovado ou neopentecostal.

### 3 CAPÍTULO 2: UMA AÇÃO MERCADOLÓGICA QUE DEU CERTO

Não focaremos aqui o que a IURD faz com o dinheiro ofertado por seus integrantes, muitos dos quais vão além do seu dízimo, e que constitui em um dos pilares da igreja na sua bem-sucedida propagação da Teologia da Prosperidade, até porque as pessoas têm o direito de acreditarem no que quiserem, mas sim no seu sincretismo e nas suas relações nada cordiais com os povos de terreiros a qual a Universal tanto se inspirou para atrair novos fiéis nos chamados cultos de descarrego consagrados nas sextas-feiras.

O problema não consiste em cristianizar os ritos e as formas mediúnicas dos povos de terreiros pois isso faz parte da liberdade religiosa, mas sim na exposição violenta sofrida pelos adeptos das religiões de matriz africana e seus locais de culto. A história tem nos dado vários exemplos de grupos radicais que se apoderaram do poder através da democracia para em seguida estabelecem suas próprias ditaduras. Em muitos aspectos essas ditaduras se utilizaram da religião para alcançar seus fins, disseminando fanatismo e intolerância religiosa que travam o conhecimento e faz regredir a sociedade através do obscurantismo e fanatismo. Os últimos quatro anos vividos pelo país são muito significantes nesse sentido.

Qualquer que seja a motivação, não podemos tolerar que pessoas estejam sendo apedrejadas, desrespeitadas no seu direito de crença e com os atos de vandalismo nos terreiros em um país profundamente marcado pelas chagas da escravidão, entre elas: o racismo religioso. No país inteiro é comum pessoas descumprirem leis que foram feitas pensando numa sociedade organizada por causa dos discursos religiosos intolerantes. Uma dessas leis que dispõem no Código Penal está no Artigo 208 da seguinte forma: “Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso”.

A IURD sempre manteve uma postura de agressividade contra os povos dos terreiros e isso aconteceu com maior intensidade nos seus primeiros 20 anos. Essa agressividade se faz presente tanto nas suas publicações quanto nos seus cultos. O grande marco na literatura foi estabelecido com a publicação em 1987 do livro *“Orixás, Caboclos e Guias, deuses ou demônios?”*, E nos cultos, onde a cada dia há um propósito especial, que vai desde as campanhas de prosperidade a conquista da alma gêmea e a principal: o culto de libertação e a Fogueira Santa de Israel, realizada duas vezes no ano em todos os templos da Universal pelo mundo e que serve para exortar os membros sobre a importância do sacrifício. “A Fogueira

Santa é uma campanha de proporções gigantescas e de grande arrecadação monetária. É nela que muitos fiéis se desfazem das suas casas, apartamentos, vendem e doam à Igreja ou entregam o próprio bem à Universal”. (ALENCAR, 2020, p. 86). Nessas reuniões sempre há um elemento depreciativo em relação as crenças de matriz africana.

Ricardo Mariano em seu artigo Igreja Universal do Reino de Deus: Magia institucionalizada, publicada pela Revista USP em novembro de 1996 diz o seguinte: “Assim, às segundas-feiras, oferece soluções sobrenaturais para quem deseja prosperidade, às terças, para cura física, às quintas, para problemas familiares e afetivos, às sextas, faz libertação (exorcismo) de demônios...” (MARIANO, 1996, p. 126). O que Mariano pesquisou da Universal em 1996 não é muito diferente da agenda dessa igreja nos dias atuais, mantendo sua temática na mesma raiz de encantamento<sup>9</sup>. O mesmo acontece com a expressão “fechamento do corpo” sendo muito familiar para quem frequenta a IURD e não somente nas religiões afro-brasileira (ALMEIDA, 1996, p.43).

Vale apenas ressaltar que as religiões escancaradamente mágicas crescem justamente em momentos de crise econômica ou ausência do poder público, ou seja: quanto maior a crise, maior era a procura por crenças que apresentavam um acolhimento do povo mais humilde e menos escolarizado frente a uma sociedade de consumo acelerado com a chegada da internet e do celular a partir da década de 1990 (MARIANO, 1996, p. 122). Ele também acrescenta algo importante dentro dessa ação mercadológica e grande efeito na vida dos seus fiéis.

A Universal frequentemente distribuía aos fiéis objetos portando objetos mágicos, miraculosos. Essa prática, segundo Macedo, visa despertar a fé das pessoas. Depois de consagrados e anunciados de poder divino para resolver problemas de toda espécie, eles são distribuídos em rituais criativos tendo por referência qualquer passagem ou personagens bíblicos. Não encerram caráter meramente simbólicos. Os fiéis se submetem a pagar ofertas estipuladas para obter tais objetos (rosa, azeite, perfume, areia da praia do mar da Galileia, óleo do Monte das Oliveiras, espadas de plásticos, cruz, chave, sabonete, etc...) Porque creem piamente que eles estejam dotados de qualidades sacrais, poderes terapêuticos e sobrenaturais (MARIANO, 1996, p. 128).

O uso exacerbado de manipulação de objetos mágicos tem como objetivo despertar a fé cristã por meios místicos o que não é bem-aceito no meio cristão tradicional e até mesmo pentecostal de origem, mas é evidente que se trata de uma estratégia que atrai muita gente conforme as suas necessidades. A intenção é alcançar o sobrenatural, uma espécie de amuleto, capaz de afugentar qualquer coisa ruim e negativa. Na Bíblia e em especial no Antigo

<sup>9</sup> Ver o site oficial da IURD, disponível em: <https://www.universal.org>.

Testamento há muitas referências de objetos vinculados a fé, mas não da maneira como líderes da IURD exploram.

A Universal é conhecida por atribuir grande ênfase ao diabo, guerra espiritual e a teologia da prosperidade e por isso quem vai numa Universal, principalmente nas sextas-feiras, logo percebe que o culto é quase todo executado pelo pastor que costuma repetir expressões do tipo: “tá amarrado”, “tá amarrado” em nome de Jesus! Eles geralmente usam roupas brancas e o mesmo acontece com os obreiros, dando uma ideia de que o púlpito serve como pronto socorro. Durante boa parte da cerimônia se fala da necessidade dos fiéis doarem para alcançar cura e alguma libertação, chamando-os para um desafio recebendo em troca algum objeto de fé consagrado. Através dos votos e ofertas especiais, não somente se mostra a gratidão como, sobretudo, é um investimento na obra divina do qual o crente dizimista espera o retorno de bons rendimentos (ALMEIDA, 1996, p.10). O fiel da IURD vive constantemente desafiado a provar sua fé através desses propósitos.

Outra característica da IURD é em torno da pregação na qual o pastor fala muito da vida das pessoas, seus pecados, e da ação do diabo, mas geralmente não há uma pregação expositiva na Bíblia pois não há uma preocupação teológica mais aprofunda sobre o texto sagrado, e a maioria de seus membros sequer carregam uma Bíblia para o culto (ALMEIDA, 1996, p. 51). Isso percebi em uma de minhas visitas a esta igreja. Conforme Alencar (2020) os pastores dão ênfase em suas próprias experiências antes de conhecerem a IURD, “libertos” dos vícios, das entidades demoníacas, das igrejas que pouco fizeram por eles, etc. (ALENCAR, 2020, p. 104).

Os membros são encorajados a testemunharem suas bênçãos e entre testemunhos, pregações e cânticos há as manifestações de pessoas possuídas onde o pastor diz que são possessões demoníacas provocadas por algum trabalho de terreiro ou despachos. Quando a pessoa fica possessa começa uma estranha entrevista com a “entidade”, perguntando o nome do demônio invasor, qual sua intenção e de onde veio. É no exorcismo que encontramos toda dinâmica do culto, uma vez que os males da vida encontram sua origem em Satanás e seus demônios (ALMEIDA, 1996, p. 10). Nas igrejas pentecostais tradicionais, o procedimento seria simplesmente o de expulsar a “entidade” e não evidenciá-lo para uma plateia.

A maneira como a IURD expandiu têm colocado em perigo até mesmo a questão da ética cristã a tal ponto que outros evangélicos, entre os quais, os chamados históricos, estão se levantando pra dizerem o quanto são diferentes da Igreja Universal do Reino de Deus,

principalmente no uso de objetos sagrados para despertar a fé dos crentes (ALENCAR, 2020, p.26). “A igreja Presbiteriana do Brasil, não considera a Universal como sendo uma igreja evangélica, devido suas práticas sincréticas” (ALMEIDA, 2021, p. 20). As críticas vão principalmente em direção a sua liturgia ritualística e quanto à forma de arrecadação financeira que são cobrados dos fiéis através de propósitos, votos, correntes e de sacrifícios financeiros (ALENCAR, 2020, p. 35). Uma das mais excêntricas solicitações de Macedo é que seus membros deixem seus bens para a igreja antes mesmo de morrerem através do Projeto Abel<sup>10</sup>. Outro pedido excêntrico do fundador da IURD é o jejum de informação, ou seja: os fiéis deveriam de se abster de qualquer tipo de meio de comunicação.

O abuso religioso pode ser recorrente em qualquer religião ou denominação. Algumas igrejas tradicionais, tem se notabilizado em ceder seus púlpitos para discursos políticos, até mesmo apoiando plataformas ideológicas como fechamento do Supremo, volta do militarismo, e apologia as armas, compactuando até mesmo com atos corrupção em alguns ministérios buscando privilégios na liberação de recursos públicos<sup>11</sup>.

Os recentes noticiários envolvendo pastores dão uma boa visão sobre esse assunto. O que é mais grave é que devido a essa aproximação política, muitas igrejas deixam de denunciar as arbitrariedades do Estado, como bem definiu Aversa (2021, p. 46) da seguinte maneira:

A moral cristã, portanto, além de justificativa para a violência, serve para medir quem é digno de existir e quem não o é. Os setores contrários ao bolsonarismo automaticamente são jogados para o campo do “mal”, isto é, para aquilo que “não é de Deus”. Se não é de Deus, não é de bem; se não é de bem, não é moral e, portanto, não faz parte do “nosso governo”. Voltamos àquela ideia dos “comunistas”.

Vale a pena registrar o quanto um pensamento enraizado entre um determinado seguimento religioso pode marcar uma época. Quem pertenceu a uma igreja evangélica em Florianópolis na década de 1990 percebia o quanto os pastores se movimentaram para tirar da cidade o título de Ilha da Magia alegando que isso impactava nos destinos da cidade de forma negativa e esse ativismo exacerbado terminava em algum tipo de intolerância religiosa, até mesmo entre as benzedeadas e outros tipos de curandeirismo oriundos do catolicismo popular açoriano (DA SILVA, 2020, p. 99).

---

10 Ver mais em <https://sites.universal.org/abel/>. Acessado em 27 jul 2022.

11 CORREIO BRAZILIENSE. Muro de igreja exhibe propaganda ilegal de armas e de Bolsonaro. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/politica/2022/08/5029347-muro-de-igreja-exibe-propaganda-ilegal-de-armas-e-de-bolsonaro.html>. Acessado em 23 ago 2022.

Essas distorções ajudaram a disseminar preconceito e desinformação quando as benzedeadas passaram a ser associadas aos rituais de origem africanos. Hoje, o frenesi dos anos 1990 com a campanha “Florianópolis, Ilha de Jesus”, estampada nos outdoors espalhados pela cidade, adesivos de carro e nas camisetas praticamente deixaram de existir e confesso que também fiz parte dessa militância burra. A respeito disso, Renata Siuda-Ambroziak, doutora em Filosofia Social, professora de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, Instituto das Américas e Europa (Cesla), traz o seguinte depoimento de uma benzedeadora em seu artigo *Benzedeadas em vias de extinção na Ilha da Magia*: “Sem conhecer, ficam com medo, assustados, falam besteira sobre benzedura. Especialmente crentes – eles não gostam de santos, não gostam de benzeção, o pastor fala mal da gente também. Daí fica meio atrapalhado”. (SIUDA, 2018, p. 138-139).

A demonização das crenças de terreiro acontece da seguinte maneira:

Quando pastores e obreiros da IURD exorcizam afirmando que o mal que caem nas pessoas são culpas dos demônios e dos despachos feito pelos seguidores das religiões de matriz africana (DIAS, 2012, p. 361). E de onde vem esses demônios e as forças desse mal? No entendimento das lideranças da IURD eles vem dos terreiros de umbandas e de outros segmentos do espiritismo, deflagrando com isso um novo movimento de caça às bruxas (DIAS, 2021, p. 214,). Não estamos diante de um fato novo no cristianismo, mas a grande diferença é que o grupo liderado por Macedo fez disso seu grande legado. “As entidades da Umbanda e Candomblé são espíritos demoníacos e a Igreja Universal encontrou nelas a personificação do diabo e sua ação maléfica sobre os homens” (ALMEIDA, 1996, p. 54).

Por trás do objetivo de querer “libertar” a sociedade do julgo dos demônios e seus mentores, existe também um outro lado, a intenção da IURD de querer prevalecer sobre os demais nesse mundo mercadológico religioso promovendo sistematicamente a demonização das crenças afro-brasileiras ao condená-las a uma condição de inferioridade (MARIANO, 1999, p. 110).

Se a figura do mal representado pelo diabo e seus anjos se fez presente na Bíblia e no Alcorão, nas duas grandes religiões monoteístas do mundo, e também nas religiões orientais, então por que querem fazer o povo acreditar nisso? De acordo com Júlio César Tavares Dias em seu artigo “Nova caça às bruxas: demonização e exorcismos na igreja Universal do Reino de Deus”, publicado em 2021 pela Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões

(UNITAS), o propósito disso é de atrair pessoas e os neopentecostais são bastante perspicazes nessa missão que resultou num crescimento vertiginoso nos últimos trinta anos.

Não há exagero nenhum em afirmar que a Universal em muitos aspectos se assemelha a um terreiro de umbanda, aperfeiçoando um novo estilo de culto, dando ênfase a sessões de descarregado e correntes visando libertação de algum mau-olhado, inveja entre outros feitiços, e seguindo esse padrão cristão afro-brasileiro estão sempre inovando em suas reuniões atiçando a curiosidade de seus frequentadores declarando guerra contra o mal trabalhando através das diferentes correntes com o propósito de “libertação das pessoas” (MARIANO, 1996, p.126). Dentro do conceito iurdiano de “libertar” as pessoas temos uma modificação do significado daquilo que acontece nos terreiros e um transporte para um ambiente de luz, da seguinte maneira:

“Você que tem a vida escravizada por sintomas: 1. nervosismo; 2. dores de cabeça constantes; 3. insônia; 4. medo; 5. desmaios ou ataques; 6. desejo de suicídio; 7. doenças que os médicos não descobrem a causa; 8. visões de vultos ou audição de vozes; 9. vícios; 10. depressão. Então passe pelo Vale do Sal. Na ocasião estaremos distribuindo gratuitamente o óleo de Israel”. (ALMEIDA, 1996, p. 39).

A banalização da fé através do sincretismo e do proselitismo mercadológico tem sido ápice da pregação híbrida da IURD (JUNGBLUT, 2005, p. 8). Ao se aproximar de rituais místicos, como o uso do sal grosso para espantar mau olhado, terapia do amor para trazer a pessoa desejada, distribuir objetos consagrados para quebrar maldições e usos de objetos ligados a milagres bíblicos a Universal conseguiu atrair um imenso contingente até então oriundos das religiões populares como umbanda e candomblé.

### 3.1 EDIR – IURD: PODER MIDIÁTICO

Santos (2010) afirma que “O aumento no número de fiéis possibilitou a aquisição de Canais de TV, emissoras de rádio, jornais, revistas, livros, publicações diversas, produção de CDs, e uma excelente informação tem sido usada para atrair e facilitar o contato com a IURD (SANTOS, 2010, p. 72). Nas últimas décadas, a Universal dentro do imenso mundo midiático empresarial, concentrou a maior parte de horários na televisão aberta. Na CNT, por exemplo, ocupa maior parte dos horários disponíveis. É proprietária da segunda maior rede de televisão brasileira, a Record, sendo dona também da Record News, e a Rede Aleluia de rádio.

Os notórios programas religiosos da IURD em seus canais de televisão geralmente usam pessoas possessoras e com forte ataque aos adeptos das religiões afro-brasileiras, aproveitando-se da situação de desigualdade em que se encontram boa parte dos seguidores das crenças de terreiros. Essa prática, coloca em debate toda questão relacionada ao limite do direito de expressão, quando estes são usados para afrontar ou atacar alguma crença.

Reginaldo Prandi a respeito dessas práticas nos meios de comunicação, principalmente na televisão afirma o seguinte:

Programas e mais programas na televisão passam horas mostrando cenas de exorcismo de orixás, caboclos, pombagiras e outras entidades, todas elas identificadas pelo pentecostalismo de cura divina como formas do diabo, mostrando também esses programas longos testemunhos sobre conversos saídos das religiões afro-brasileiras, ou ainda vitoriosos testemunhos de como é possível até mesmo ficar rico quando se doa à igreja tudo que se tem, agora que o dinheiro não é mais visto como coisa do diabo (PRANDI, 1992, p. 89).

A Universal no portal R7 de notícias, em que está vinculada, dá a estimativa de 7 milhões de fiéis somente no território brasileiro e mais 3 milhões espalhados pelo mundo<sup>12</sup>. Dados oficiais do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, apresenta a Igreja Universal com quase 2 milhões de fiéis. Esse crescimento ocorreu em menos de 50 anos. Para se ter uma ideia dessa expansão, algumas igrejas protestantes centenárias em nosso país, como a Presbiteriana (1859) e a Adventista (1896), somam juntas cerca de 2 milhões e 500 mil religiosos.

Uma das ideias mais bem-sucedidas do bispo Macedo foi sua estratégia de mostrar o quanto sua igreja era diferente das demais e isso ficou evidente na sua visão sobre local de culto. O início da IURD começou como qualquer outra denominação evangélica, alugando salas de cinemas falidas e pequenos galpões (ALMEIDA, 1996, p. 36). A partir do final da década de 1990, período de sua maior expansão, concentrou-se na construção de grandes catedrais, conhecidas como Catedrais da Fé, que são espaços gigantescos nas grandes cidades.

No que se diz respeito a essas incorporações é cada vez mais comum a apropriação de símbolos judaicos, como rituais e trechos do Velho Testamento, a exemplo da Estrela de Davi, o candelabro, réplicas da Arca da Aliança, bandeira do Estado de Israel e vestes sacerdotais que muito se aproximam a de um rabino. Esses elementos são mais casuais na

---

12 R7 NOTÍCIAS. **Universal completa 43 anos com 10 milhões de fiéis pelo mundo**. Disponível em: <https://noticias.r7.com/brasil/universal-completa-43-anos-com-10-milhoes-de-fieis-pelo-mundo-09072020>. Acesso em: 21 mai 2022.

Páscoa e no Dia dos Tabernáculos (TOPEL, 2011, p. 36). Interessante notar que nesse sincretismo, não há nenhuma conotação pejorativa ao Antigo Povo do Livro (Bíblia) e de onde originou-se a fé cristã. Trata-se de um fenômeno crescente, principalmente nas grandes catedrais, dando uma demonstração de como a religião brasileira é sincrética e híbrida.

A construção do mega Templo de Salomão em São Paulo é um marco desse sincretismo e estratégia de crescimento na tentativa da IURD de atrair classes sociais mais elevadas. O Templo de Salomão custou trezentos milhões de reais e está localizada no bairro do Brás, na capital paulista, com capacidade para dez mil pessoas e construída com pedras trazidas de Jerusalém (TOPPEL, 2011, p. 48). Foi inaugurado em 31 de julho de 2013 e hoje constitui também em uma atração turística. Trata-se de uma construção que nem as mais ricas comunidades judaicas no mundo ousaram fazer. Na minha opinião as grandes construções em centros urbanos seriam uma nova tendência da IURD em querer se aproximar das classes médias, desencadeando uma diminuição ao seu modelo estrutural que deu muito certo no passado, mas que se encontra saturado devido a intensa concorrência e ao uso de um modelo de igreja que décadas atrás deu muito resultado.

O motivo maior que faz a IURD ser tão polêmica e envolvida em sucessivos escândalos é a sua combinação explosiva de fé, dinheiro e política, um trinômio muito bem explicado no livro “ Bispo S/A: A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder”, do escritor Odêmio Antônio Ferrari, publicado em 2012 pela Editora Ave-Maria. Outra publicação que examina muito bem os bastidores que levaram a Universal a se tornar dona de um verdadeiro Império é o livro do jornalista Gilberto Nascimento, intitulado “O Reino: a história de Edir Macedo e uma Radiografia da Igreja Universal”, publicado pela Companhia das Letras em 2019. De acordo com esse jornalista para a IURD não basta ser rica, sendo preciso ter poder.

De acordo com Oro (1997), é propriedade da Universal uma construtora, uma fábrica de móveis, um banco e uma holding que administra todos os negócios da Igreja. A consequência desse poder é ir além da esfera religiosa (ORO, 1997, 10-36). Santos (2010) também acrescenta o seguinte: “Os efeitos produzidos que ostentam poder, beleza, riqueza, prosperidade são sem dúvida uma forma de seduzir e atrair pessoas e que tem sido utilizado pela IURD (SANTOS, 2010, p.22).

Em pouco mais de quatro décadas de existência a Universal do Reino de Deus ao mesmo tempo que se faz presente nos lares brasileiros através dos seus cultos televisivos e nas

imensas catedrais, apresenta um extenso currículo de acusações, e contra ela há inúmeros processos tais como: estelionato, charlatanismo, lavagem de dinheiro, formação de quadrilha, falsidade ideológica, incêndio criminoso, homofobia e de intolerância religiosa (SANTOS, 2010, p. 31).

Seu fundador também tem acumulado uma série de processos criminais de toda ordem, com destaque para aqueles originários dos frequentes ataques que a IURD dirige à igreja Católica e aos cultos afro-brasileiros (RODRIGUES, 2011, p. 48). Por sua vez, a IURD alega sofrer preconceito religioso, principalmente por parte da imprensa (RODRIGUES, 2011, p. 53). A prisão de Edir Macedo em 1992 desencadeou comoção por parte dos seus seguidores e fez crescer ainda mais sua igreja, na qual parte da população aceitava a ideia de que tinha finalmente surgido no Brasil alguém capaz de rivalizar com dois poderes intocáveis no país até então: A Rede Globo e a Igreja Católica.

Apesar de todo trabalho do Ministério Público, a igreja Universal continua com seu projeto de crescimento, mas são visíveis seus sinais de esgotamento, passando hoje por sua pior crise desde sua fundação, com perda significativa de fiéis, concorrências, dissensões e sucessivos escândalos, onde a própria sucessão do bispo Macedo tem ressuscitado descontentamento entre as principais lideranças (MARIZ e GRACINO JR., 2013, p. 168). Na sua coluna splash no portal UOL, o jornalista Ricardo Feltrin, evidencia bem essa realidade, onde ele aborda a perda do poder da Igreja Universal em Angola após a justiça desse país constatar as diversas irregularidades, como evasão de divisas e lavagem de dinheiro<sup>13</sup>.

As lideranças da IURD já devem ter percebido que as demandas da sociedade atual são outras, diferentes de trinta anos atrás, e que a Fogueira Santa de Israel e as sessões de descarrego funcionam, mas não tão bem quanto em décadas passadas e que é preciso se reinventar e estancar seu declínio organizacional (MURTINHO, 2018, p. 95).

A igreja pensando na sociedade de sua época deve buscar sempre alguma reforma, para alguns isso reflete positivamente, mas para outros, nem tanto, mas é incontestável que a religião se adapta conforme as mudanças da sociedade e se o movimento neopentecostal estiver atuando como se estivesse na década de 1990 certamente estará fadado ao declínio até porque, boa parte da população descobriu que com o trabalho e com as circunstâncias econômicas do país é possível ascender socialmente sem passar pelo crivo religioso, regradas

---

13 FELTRIN, Ricardo. **Igreja Universal enfrenta maior crise desde sua fundação**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/ooops/2022/02/19/analise-igreja-universal-enfrenta-maior-crise-desde-sua-fundacao.htm>. Acessado em 21 abr 2022.

a todo tipo de sacrifícios, promessas e devaneios. Mudar, mas sem perder sua essência será o grande desafio da IURD nos próximos anos.

### 3.2 A RAIZ DO DISCURSO DE DEMONIZAÇÃO

A tentativa de marginalização das crenças afrodescendentes não é algo novo, criado na mente carismática e visionária do fundador da IURD, ou pertencente somente as religiões neopentecostais, mas já esteve presente nas práxis da Igreja Católica, sobretudo, no período pré-conciliar (MEZZOMO, 2008, p. 2). Essa marginalização sempre foi atuante nas entranhas de nossa história, começando a partir do momento em que os escravizados trouxeram do continente africano suas crenças consideradas pelo colonizador como pertencentes ao diabo. Santos (2010), assim define essa marginalização: “A negação de toda a cultura afro-brasileira é tratada com requintes de crueldade, os processos de estigmatização e depreciação foram muito mais explícitos do que contra a cultura aborígine. O negro não era visto como ser humano, mas como ‘peça de mercadoria’”. (SANTOS, 2010, p. 88).

Esse enredo fez parte do sistema colonizador cristão resultando num processo histórico de perseguições que forçou as religiões de matriz africana a adotarem posições de autodefesa. De acordo com Welberg Vinicius Bonifácio em seu artigo A invisibilidade das religiões afro-brasileiras nas paisagens urbanas: “Atualmente essa perseguição se dá de forma mais velada, a partir de discursos provenientes de setores religiosos ligados ao cristianismo que demonizam as religiões de matriz africana a partir de uma conjuntura ligada à intolerância religiosa que impera em nossa sociedade” (BONIFÁCIO, 2017, p. 142).

É importante salientar que apesar da primeira Constituição Republicana de 1891, que deveria ser um ensaio na separação entre o poder secular (Estado) e poder religioso, acabamos encontrando a manutenção da centralidade da Igreja Católica, ou seja, o nascimento dessa laicização manteve a hegemonia do catolicismo sobre as demais religiões e as perseguições aos grupos religiosos tidos como marginalizados (MEZZONO, 2008, p. 6). Essa centralidade também fez com que muitos evangélicos se sentissem na condição de inferioridade, e agora é inconcebível agir como um inquisidor da fé alheia. Para se ter uma ideia dessa hegemonia católica e da extensão desse preconceito, a Igreja Assembleia de Deus que começou seus trabalhos na capital catarinense em 1938, precisou duas décadas depois organizar seu próprio

cemitério, pois o padre da época não tolerava sepultamento de crentes nos cemitérios da cidade<sup>14</sup>. A respeito disso, Santos (2010) afirma o seguinte:

Os católicos não pouparam discursos e práticas de resistência ao “novo modelo” de cristianismo que foi trazido pelos missionários protestantes. O catolicismo não isentou a esses novos cristãos a identificação com o demônio ou com as obras de Satanás. A estigmatização aos crentes protestantes foi marcada também pelas questões civis, como por exemplo, o não reconhecimento do casamento entre protestantes, a necessidade da criação de escolas próprias e até mesmo cemitérios para que os protestantes pudessem enterrar seus mortos que não poderiam ocupar as terras dos cemitérios católicos. Porém ao se tratar das relações com religiões não cristãs, o protestantismo foi tão intolerante quanto o catolicismo. Predominou entre os protestantes a mesma visão católica a respeito dos cultos e crenças indígenas, afro-brasileiras e mediúnicos (SANTOS, 2010, p. 89).

Embora Macedo não tenha sido criador desse discurso de demonização sobre os adeptos das religiões de matriz afro-brasileira, o que encontramos foi a apropriação de uma religiosidade popular dualista na formação de sua igreja, o que possibilitou grande aceitação. Muitos viram na Universal algo parecido com as práticas em que eram associados de maneira efetiva ou clandestina. Esse contato com a Universal possibilitou um sentimento de legitimação e afirmação. Essa religiosidade popular dualista não é nenhuma novidade no meio evangélico.

A IURD soube explorar com muita veemência esse formato que reunisse tanto o proselitismo quanto o habito dos brasileiros de transitar entre diferentes religiões (SPYER, 2020, p.144). O resultado dessa conexão fez da IURD uma alternativa aos espaços segregados a ponto de se tornar a maior religião afro do Brasil, onde boa parte de seus fiéis são oriundo das crenças mediúnicas dos terreiros, cooptando inclusive muitos pais e mães de santos (ALMEIDA, 1996, p.41).

Nas duas primeiras décadas o que a IURD provocou não foi um sopro e sim um furacão, tendo imenso impacto, revolucionando o pensamento religioso brasileiro tendo em vista que a IURD pode contar também com todo aparato de comunicação que sempre foi um dos alicerces no seu projeto político-religioso. Esse sincretismo junto com o poder midiático a transformou num grande fenômeno mundial. Do ponto de vista sociológico conseguiu juntar num mesmo espaço as religiões afro-brasileiras além das vertentes populares do catolicismo e do protestantismo (CAMPOS, 1998, p.18).

14 ASSEMBLEIA DE DEUS. **Nossa história**. Disponível em: <https://adfloripa.com.br/nossa-historia/> Acessado em 12 jun 2022.

O que torna perigoso esse discurso nos púlpitos é que algumas pessoas são induzidas ou levadas a acreditar que tudo que sai da boca preferido por um pastor ou padre imagina-se ser de Deus e dentro desse imaginário popular, se sente como que estivesse sendo encorajado a participar de uma batalha espiritual, onde o seu inimigo pode ser um estranho ou até mesmo um vizinho ou familiar que esteja vinculado aos terreiros.

Nas comunidades onde a voz do “homem de Deus” é capaz de fazer pessoas a acreditarem em sementes que curam ou vassouras que varrem o mal, tudo é possível. Mas também é inegável que o poder da fé intensificado na IURD tem ajudado a muitas pessoas, inclusive através de seus projetos sociais, como descrito na dissertação de mestrado de Ciências Sociais de Adriana Monyke Nascimento de Alencar, pela Universidade Federal de Campina Grande, PB, intitulado *Magia na Igreja Universal do Reino de Deus e sua eficácia: entre simbolismo e a performance* (ALENCAR, 2020, pp. 52-57).

Uma das reclamações dos dirigentes de cultos afro-brasileiros é a pouca representatividade em suas denúncias, encontrando até mesmo resistência por parte dos poderes públicos em tipificá-los como crime contra o sentimento religioso mesmo que esteja bem conciso no Código Penal. Ricardo Mariano pontua que esses entraves acontecem por conta da interpretação dos agentes públicos acerca dessas acusações (DA SILVA, 2007, p. 123). Em muitos dos casos ao invés da punição há um brandamento por parte dos agentes públicos que acabam classificando a denúncia como ‘competição religiosa’. Isso não tem muito fundamento, até porque somente um lado da questão costuma-se ser proselitista e avançar no espaço do outro.

Wagner Gonçalves da Silva, em sua obra *Intolerância Religiosa: impactos do neopentecostalismo* no campo religioso afro-brasileiro, no capítulo intitulado *Pentecostais em ação*, afirma que as motivações nos dias de hoje para essa satanização se fazem por conta de razões religiosas e mais enfaticamente causadas por grupos pentecostais, grupos esses que defendem ardorosamente a liberdade religiosa e o pluralismo religioso. Aponta como principais razões desse combate intenso a perspectiva dualista entre o bem e o mau, a necessidade de eleger um inimigo comum para evangelizar de onde parte todas as maledicências globais e agem do princípio que a libertação só é possível através das promessas mágico-religiosas ofertadas em suas igrejas (DA SILVA, 2007, pp. 129-131).

Dentro do contexto de liberdade religiosa em que vivemos onde o direito é escancaradamente desigual a intolerância religiosa e o racismo irão sempre acontecer, com maior ou menor intensidade. Isso se dá principalmente quando pessoas

comentem deliberadamente seus crimes raciais e religiosos e acabam se escondendo por detrás de outros direitos como o de expressão e o de livre circulação. Mariano ainda aponta que essa “violência simbólica” por parte dos neopentecostais existe porque os povos do terreiro são seus adversários religiosos e que escancaradamente utilizam espaços públicos e a concessão de rádio e televisão para atacar. Por outro lado, as religiões de matriz africanas não agem como se tivessem um adversário e entre elas não há ações voltadas para o proselitismo (DA SILVA, 2007, p.127).

#### 4 CAPÍTULO 3: ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS: DEUSES OU DEMÔNIOS?

O livro *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?* foi escrito por Edir Macedo numa época em que a Igreja Universal ensaiava seus primeiros passos no cenário religioso nacional e internacional nos anos de 1980, ganhando espaço no noticiário e grandes eventos públicos, tendo inclusive expandido seus trabalhos estabelecendo uma igreja em Mount Vernon, Nova York, Estados Unidos da América (SANTOS, 2010, p. 32).

Esse livro pavimentou o cerne da pregação da IURD que em menos de três décadas fez a igreja emergir de um coreto do Méier às enormes catedrais da fé, atraindo principalmente adeptos e simpatizantes dos cultos de terreiro. Incentiva o seu povo a uma guerra espiritual pois deixa escancarado nas suas 156 páginas que os povos de terreiro são agentes do diabo e causadores de todos os males que afetam a sociedade e os seres humanos e esse discurso é repetido muitas vezes.

Essa obra literária alcançou notoriedade devido sua complexidade e seu discurso intolerante, sendo abordado por muitos estudiosos, a destacar Valdelice Conceição dos Santos que em 2010, publicou “O discurso de Edir Macedo no livro *Orixás, caboclos e guias. Deuses ou Demônios?: impactos e impasses no cenário religioso brasileiro*”. Um dos motivos do sucesso do livro seria seu discurso estar no âmago da própria IURD e na sua incursão no mercado religioso da seguinte maneira: “A eficácia do seu discurso nos parece obter continuidade nos demais discursos pronunciados nos cultos, nos meios de comunicação e na doutrinação cotidiana dos fiéis” (SANTOS, 2010, p. 60).

Assim como a igreja orienta seus fiéis a votarem em determinados candidatos, a leitura desse livro, ainda mais partindo de quem a escreveu, certamente ganhou muito espaço entre os frequentadores da IURD, onde dados oficiais do IBGE dão conta de aproximadamente 2 milhões de fiéis. É muito complexo falar de uma religião em um livro, ainda mais se o escritor não ser parte dela, e muito menos sem conhecer suas particularidades. Edir Macedo foi muito pretensioso em querer tratar da religião do outro em pouco mais de cento e cinquenta páginas, conferindo a ela todo tipo de esteriótipos e adjetivos com intuito de diminuí-la segundo seus propósitos.

Sem querer menosprezar o sucesso de alguém, é salutar imaginar que se um conceituado pastor ou escritor de uma igreja tradicional como a Presbiteriana, Batista, Luterana ou Adventista, onde a figura do diabo passa quase despercebido, tivesse escrito um livro sobre a atuação de demônios alcançaria a mesma vendagem. Se vendesse 100 mil exemplares, já

estaria por satisfeito pois a temática de interesses desses segmentos da fé cristã se situam num patamar muito diferente dos neopentecostais, onde o diabo se faz presente em tudo. Se o casamento vai mal é culpa do diabo; se alguém fica doente é algum demônio agindo; se a multa de trânsito mexeu no orçamento é uma ação diabólica para o crente não ofertar e assim por diante.

Após sua primeira edição em 1988, o livro e seu autor receberam uma enxurrada de processos por conta de seu conteúdo preconceituoso ao classificar as religiões de matriz africana como “seitas satânicas”, o que acarretou a proibição da venda por alguns anos e muita publicidade nos meios de comunicação. A polêmica em torno da obra e sua proibição durante algum tempo ajudou a aguçar a curiosidade dos leitores, mas é inegável o sucesso em torno dessa publicação atingindo mais de quatro milhões de exemplares vendidos e a maneira corajosa em que Macedo se lança em sua trajetória. A Universal conseguiu na justiça a sua liberação e uma de suas defesas foi o do direito de expressão. Alguns dos processos foi em decorrência da exposição de pessoas sem autorização, tais como:

No Rio de Janeiro a Justiça condenou em 2004, a Iurd e a Editora Gráfica Universal, responsável pela publicação do livro *Orixás...*, a pagar 120 mil Reais pelo uso indevido da imagem do adolescente Ricardo Navarro, que aparece numa foto, na época com quatro anos de idade, tocando atabaque no terreiro de sua avó, a ialorixá Palmira de Iansã, em Mesquita. Segundo a legenda da foto: “Essas crianças, por terem sido envolvidas com os orixás, certamente não terão boas notas na escola e serão filhos “problemas” na adolescência”. A ialorixá já havia processado a editora há 10 anos pelo uso da imagem de três crianças em seu terreiro, que aparece no livro e no jornal *Folha Universal* para ilustrar uma matéria intitulada “Filhos do Demônio”. A gráfica foi condenada a pagar vinte salários-mínimos para as famílias das três crianças. Uma dessas crianças, hoje adolescente, lembra que na época foi alvo de chacota na escola: “Eu fui chamada de macumbeira, que vivia em religião de demônio (SILVA, 2007, p. 21).

Para se tornar mais ameno Edir Macedo dedica seu livro a aqueles que estão associados aos rituais de terreiros e em especial “a todos os pais de santo e mães de santo”, mas fica evidente todo seu teor discriminatório e sua necessidade de tornar seu livro algo impactante, diferente dos outros já publicados e o resultado disso é um livro carregado de estigmas, de intolerância para os cultos africanos e as religiões mediúnicas (SANTOS, 2010, p.55). Com essa publicação Edir Macedo procura também colocar a IURD como legítima autoridade capaz de sanar o sofrimento das pessoas em todos os aspectos da vida humana e esse discurso se completa ao afirmar que os demônios estão associados as religiões dos povos de terreiros, sendo essa visão repassada em todas as suas mensagens. Acredita ter o papel primordial de

afastar as pessoas do mal onde o “outro” e os diferentes estão dominado por demônios da seguinte forma:

O discurso de Macedo alarga as concepções que se perpetuaram entre alguns cristãos, onde os demônios continuam sendo o “outro”, sejam eles os judeus, os muçulmanos, os pagãos, os homossexuais, as mulheres, os diferentes, ou mais recentemente, os que não aceitam o “cristianismo neopentecostal iurdiano” (SANTOS, 2010, p. 47).

“*Orixás, Caboclos e Guias*”..., cumpriu seu papel no marco das relações que bispos, pastores, obreiros e fiéis da IURD deveriam ter em relação aos adeptos das crenças de matriz africana que é o de confronto dentro da lógica do mercado religioso e de marketing comercial. Se tratando de uma religião que faz lembrar a África, muitos associam se tratar mesmo de demônios, esquecendo-se que essas entidades, também povoaram o imaginário de outras religiões fora do continente negro e muito antes da chegada dos primeiros escravizados ao Brasil.

O bispo soube muito bem aproveitar a ideia que permeia a Bíblia na luta do bem contra o mal, da luz prevalecendo sobre as trevas, Deus e o diabo. A demonização das religiões afro-brasileiras está também ligado ao etnocentrismo na tentativa de desqualificar tudo que é de origem africana e a civilização apontada para a Europa. *Orixás, Caboclos e Guias*..., representa a própria doutrina da igreja pois há uma homogeneidade entre o discurso do livro e o discurso religioso e isso é facilmente observado nas sessões de descarrego, assim como na vida cotidiana dos fiéis (SANTOS, 2010, p. 59).

O livro usa uma linguagem agressiva, impactante, repetitiva e abusiva na intolerância tanto que na edição de 2001, na capa vem acompanhado a seguinte frase: “Finalmente liberado pela justiça”. Fica evidente a tentativa de marcar o seu caráter distinto e de promover uma guerra espiritual frente as religiões tradicionais, nesse momento destacando as afro-brasileiras e o espiritismo kardecista (MEZZONO, 2008, p. 11). Edir Macedo também se coloca como guardião da verdade, citando que outras igrejas são incapazes de realizar uma obra como a dele no combate ao mal representado pela ação dos demônios, da seguinte maneira:

As chamadas igrejas clássicas ou tradicionais que começaram fundamentadas no poder de Deus, mas com o passar dos anos, deram lugar à tradição dos homens, são exemplos de igrejas que podemos chamar de “fracas”. Muitas se transformaram em verdadeiros clubes sociais e vivem da promoção de festinhas, músicas, apresentações artísticas, shows e coisas desse tipo. (MACEDO, 2002, p. 121).

Na capa da edição de 2000 traz a imagem de São Jorge caracterizando o sincretismo da Umbanda e ao seu lado uma caveira simbolizando como algo macabro e funesto. Segundo Santos (2010, p. 53), o livro *Mãe de Santo* de McAlister, de 1968, teria sido uma inspiração para a obra de Macedo escrito duas décadas depois. “Compreende-se assim o esforço de McAlister por compreender o universo umbandista, candomblecista e espírita, a fim de enfrentá-lo a partir da exegese bíblica da qual era portador” (ISAIA; SILVA, 2019, p. 110). Isso também é observado por Artur Cesar Isaia e Elizete da Silva no artigo “*A história de uma Ialorixá sob a ótica de um pastor canadense: Robert McAlister e as Religiões Afro-Brasileiras*” (ISAIAS; SILVA, 2019, p. 112). Fazendo uma analogia entre os dois livros, principalmente no que diz respeito aos itens: dedicatória; processo sincrético; relação das identidades afro com demônios; críticas as demais igrejas e passos para a libertação. Há muitas semelhanças entre as duas obras, mas as semelhanças acabam na repercussão. Enquanto o livro de Macedo tornou-se best-seller o de McAlister não alcançou o mesmo sucesso nas livrarias.

O teor literário da obra tornou tema frequente no discurso dos pastores nos cultos, na mídia, nas práticas rituais, assim como na vida cotidiana de cada um dos fiéis, enquanto o de McAlister explorou a conversão de uma tradicional representante mediúmica de Salvador na década de 1960.

O livro “*Mãe de Santo*”, além da desqualificação das crenças afro-brasileira, trouxe à tona a história de vida de uma ex mãe de santo, Georgina Aragão dos Santos Franco, e a conversão dela à Igreja de Nova Vida foi vista como algo triunfal, explorando o abandono de alguém importante das praticas do Candomblé e da Umbanda, passando a nortear a sua vida pela Bíblia (ISAIA; SILVA, 2019, p. 105).

Há muitas paridades entre as duas obras, inclusive relacionada na crítica feita a outras igrejas que pouco se manifestam na batalha espiritual contra as crenças mediúnicas que McAlister e Macedo fizeram questão de evidenciar (SANTOS, 2010, p.38). Na obra de 1968, McAlister deixa evidente que o Candomblé e a Umbanda eram “pragas diabólicas”, com as quais o Catolicismo era conivente (McALISTER, 1968, p.13). Macedo apenas aumenta o discurso virulento.

Outra abordagem carregada de intolerância religiosa é afirmar categoricamente que as diferentes vertentes do espiritismo funcionam como uma verdadeira “fábrica de louco”. Descrito da seguinte forma: “Toda pessoa que se envolve com o espiritismo sofre dores de

cabeça, tonteiras, desmaios, etc, diz-se, muito acertadamente, que o espiritismo é uma verdadeira fábrica de loucos” (MACEDO, 2000, p. 97).

O bispo na sua longa caminhada por crenças diferentes deveria saber que no meio cristão há muitos casos que levam as pessoas aos mesmos consultórios psiquiátricos apresentando diversos distúrbios emocionais e mentais por fizeram parte de uma fé opressora e não emancipadora, deixando a deriva problemas existenciais a mercê das vontades dos pastores e padres, por deixar de existir o diálogo entre a psicologia e a religião cristã.

Frequentemente ouvida, também em ambientes eclesiais, é a afirmação de que “os crentes não têm problemas”. Tal declaração tem causado muita dúvida e culpa e, por vezes, a “perda da fé” entre alguns fiéis quando eles percebem, por exemplo, que já oraram muito, fizeram vários propósitos diante de Deus, confessaram a Ele suas falhas e, ainda assim, sofrem de ira incontrolável, reprimem sua amargura e não sabem o que fazer com seus sentimentos de ódio, além de experimentarem angústia, ansiedade, medo etc (FRIESEN, 2002, p. 33).

Em Hernandez (1986) há a importante citação a respeito:

Com características semelhantes, em alguns setores cristãos denominados fundamentalistas, pietistas ou conservadores, o transtorno psicológico é visto como uma afronta que denota uma falta ou pecado. Nesses setores, é comum a expressão: “Se você crê em Deus, não pode sofrer dos nervos”. Outros grupos, tais como pentecostais ou carismáticos, com frequência interpretam a enfermidade como uma possessão demoníaca. Eles tentam resolver a enfermidade mediante um conjunto de cerimônias nas quais se inclui o exorcismo (HERNANDEZ, 1986, p. 24).

No seu livro, Edir Macedo critica o misticismo indígena e africano com o catolicismo como sendo uma aberração na formação da fé cristã dos brasileiros e que contribuiu para o desenvolvimento de cultos como o da umbanda, quimbanda e candomblé (MACEDO, 2000, p. 13). De acordo com Macedo, esse processo de sincretismo degradou a religiosidade dos brasileiros e transformou negativamente gerações futuras.

A contradição consiste em querer amaldiçoar esse processo, mas, ao mesmo tempo, se utilizar dele como estratégia de expansão e crescimento de sua igreja no Brasil e no mundo. A grande diferença é que os escravizados que trouxeram da África sua cultura e crenças em meio a uma sociedade escravagista e cruel incorporaram elementos do catolicismo para terem momentos de paz nas senzalas e nos campos de trabalho escravo. “Esse sincretismo surgiu como um importante recurso para a sobrevivência de suas crenças frente a hegemonia católica” (ALMEIDA, 1996, p.86), enquanto a IURD atua dentro de um projeto mercadológico visando crescimento e o enriquecimento. Macedo soube muito bem assimilar o

conceito de matriz religiosa brasileira difundida no sincretismo e no proselitismo quando começou a idealizar sua própria instituição e nesse sentido, sua obra foi muito bem pensada estrategicamente.

O discurso intolerante de Macedo também é manifestado na cultura negra, referindo-se aos pratos de acarajés vendidos nas ruas de Salvador, na Bahia da seguinte forma: “Todas as pessoas que se alimentam dos pratos vendidos pelas famosas baianas estão sujeitas, mais cedo ou mais tarde, de sofrer do estômago” (MACEDO, 2000, p.42).

Com a publicação desse livro o confronto contra os adeptos da umbanda, candomblé e todas as formas de mediunidade torna-se mais profundo na luta em que os seguidores de Macedo julgam ser do bem contra o mal. O que acontece quando alguém lê esse livro? Quando lido por alguém com uma mente cauterizada o confronto é inevitável, devido seu caráter ofensivo. Os constantes processos sofridos fazem com que a cada edição, alguma imagem ou linguagem seja mudada na tentativa de diminuir a banalização da fé afro-brasileira por parte de Edir Macedo. (SANTOS, 2010, p. 17).

A principal acusação é de vilipêndio religioso e esse crime consta na Constituição Federal. O livro fere abertamente a liberdade de culto, contrariando o Inciso VI do Artigo 5 da Constituição Federal de 1988:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

VI - e inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

No Código Penal, há também artigos que asseguram os direitos de liberdade de crenças, no Artigo 208:

Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipêndiar publicamente ato ou objeto de culto religioso: - detenção, de um mês a um ano, ou multa.

Apesar de algumas represarias judiciais e indenizações o livro continua sendo vendido (SILVA, 2007, p. 21-44) e embora observa-se uma certa tendência de arrefecimento, a IURD mantém sua saga vilipendiando as crenças afro-brasileiras mantendo “*Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou demônio*” uma espécie de Bíblia autorizada do racismo religioso e o livro representa a própria doutrina da igreja.

## 5 CAPÍTULO 4: IURD – UMA IGREJA NO COMBATE ÀS CRENÇAS DE TERREIROS

O excludente religioso e cultural nos dias de hoje é uma das facetas que herdamos do regime de escravidão e mesmo com o advento da República as mudanças foram muito lentas. A respeito disso, Juliana Streck deixa claro:

“No período colonial, as leis puniam com penas corporais as pessoas que discordassem da religião imposta pelos escravizadores. Decreto de 1832 obrigava os escravos a se converterem à religião oficial. Um indivíduo acusado de feitiçaria era castigado com pena de morte. Com a proclamação da República, foi abolida a regra da religião oficial, mas o primeiro Código Penal republicano tratava como crimes o espiritismo e o curandeirismo” (STRECK, 2013, p. 1).

Assim definido por Santos (2010) dessa maneira: “a negação de toda a cultura afro-brasileira é tratada com requinte de crueldade, os processos de estigmatização e depreciação foram muito mais explícitos do que contra a cultura aborígine (SANTOS, 2010, p. 88). Em referência a isso, observa-se a seguinte citação:

Em se tratando dos povos africanos que para o Brasil vieram na condição de escravos e seus descendentes, na concepção eurocêntrica eram vistos como povos atrasados, com uma cultura inferior à dos portugueses: portanto, a própria situação escrava era uma dádiva para que os africanos aprendessem a conviver com uma cultura de elevado nível, com o progresso e com a ciência. (DA SILVA, 2008, p. 144).

Diante da depreciação afro-brasileira devemos considerar que percorremos um longo caminho para termos uma identidade de nação onde há leis que garante o pleno direito ao culto, bem como suas manifestações, inclusive a de circular entre crenças diferentes, ou até mesmo, não crer em nada e seguir o caminho do ateísmo. Amorim (2015) afirma que “foram justamente as religiões afro-brasileiras que passaram por um longo caminho pela ilegalidade antes de serem reconhecidas, oficialmente, como práticas religiosas” (AMORIM, 2015, p. 4). A Constituição de 1988 representou o pluralismo político, a liberdade de convicção e de crença como direitos fundamentais individuais, face à laicidade do país. O que torna difícil assegurar esse direito é o Poder Judiciário se mostrar tão distante da maioria da nossa população quando há algum abuso nesse sentido.

Fadlalah e Duarte (2018) abordam a necessidade de um maior controle acerca do cumprimento desses preceitos constitucionais, de modo que se instale, no Brasil, uma sociedade que, de fato, e de direito, respeita a pessoa em todas as suas dimensões, inclusive, nos quadrantes da convicção e da crença (FADLALAH; DUARTE, 2018, p. 2). Citam também o des-

respeito à crença do outro, o autoritarismo proveniente de classes conservadoras e o discurso do ódio se mostram notórios. A face desse preconceito foi mostrado ao mundo, quando a cidade do Rio de Janeiro sediou os Jogos Olímpicos de 2016, onde na Vila Olímpica só recebeu no seu centro inter-religioso cinco representantes, e as crenças de matrizes africanas e o espiritismo ficaram de fora (FADLALAH; DUARTE, 2018, p. 2). Acerca do ocorrido, Adriano Wilkson e Juliana Alencar escreveram:

“A ausência de representantes de religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda – essa última, nascida no Brasil, no próprio Rio de Janeiro – vem sendo criticada por seguidores dessas crenças. Outra religião muito popular no país, o espiritismo, de origem francesa, também não terá representantes de plantão no local. De acordo com o censo populacional de 2010 do IBGE, espiritismo e candomblé/umbanda são as religiões com mais praticantes no país depois dos católicos e dos evangélicos” (WILKSON; ALENCAR, 2016, p. 1-2).

O racismo religioso são mais escancarados com as religiões de matrizes africanas. São elas que mais sofrem violência psicológica e física, estigmatizadas pelo passado e por sua origem, visto terem nascido das crenças dos negros escravizados vindo da África (GOMES, 2019, p. 26). Apesar de todo esse quadro depreciativo é impressionante como o brasileiro assimilou às crenças afro-brasileiras através do sincretismo e por essa razão, a sua demonização sempre existiu no repertório das elites eclesiásticas e estatal.

Hoje essa demonização é mais perceptível nos discursos religiosos e mais atuante nos discursos de Edir Macedo e nas igrejas que seguiram seu modelo proselitista, assim bem representadas nessa citação do próprio líder da IURD: “Amigo leitor, comece hoje mesmo a exercer a autoridade que Jesus lhe confere. Não abra mão de seus direitos; não deixe de lado o que o Senhor lhe concedeu; agarre-se com unhas e dentes às bênçãos de Jesus e ‘pise na cabeça dos exus’ e CIA Ilimitada!” (MACEDO, 2000, p. 129). Macedo deixa explícito a necessidade de seus fiéis a terem uma postura de confronto e alienação. Exu é uma das representações das religiões de matriz africana. Antes da ascensão das igrejas neopentecostais uma pessoa poderia circular sem grandes problemas entre as crenças de terreiros e uma igreja cristã. Hoje até mesmo por uma questão de segurança essa prática não é muito aconselhável.

Na leitura do livro que tornou o cerne do discurso iurdiano “*Orixás, Caboclos e Guias...*” Macedo expõem três situações que são bem divergentes e certamente não há unanimidade no meio evangélico. São elas: a cosmovisão da IURD; o preconceito explícito e seu sincretismo avesso. Vejamos:

Cosmovisão: é diferente das igrejas evangélicas tradicionais ou até mesmo da Pentecostal clássica. Para os fiéis da IURD o mundo está dominado por demônios que são responsáveis por todos os flagelos humanos e que o homem é uma presa fácil para a atuação desses seres espirituais. Essa mensagem fica amarrada quando afirmam que os adeptos das crenças de terreiros são adoradores do diabo e causadores de tudo que acontece de ruim na vida do homem através dos rituais da umbanda e candomblé e nos despachos.

Essa visão de achar que o mundo é infestado de demônios querendo prejudicar o homem ou deturpar a fé cristã é visto até mesmo na História, quando Edir Macedo associa o sincretismo dos negros escravos que praticavam a macumba como algo inspirado pelas entidades demoníacas ao passarem a relacionar os nomes de seus deuses ou, para ficar mais claro, demônios, com os santos da Igreja Católica (MACEDO, 2000, p. 44). Macedo certamente nunca sentiu o peso dos chicotes nas costas, ou a dor de uma língua cortada ou olho perfurado por razões de crenças, o máximo que ele enfrentou foi uma prisão e uma enxurrada de críticas e processos por parte da imprensa e do Ministério Público devido ao seu modo agressivo de expansão misturando fé, negócios e política. Os escravizados buscaram no sincretismo um meio de diminuir a perseguição, mas sempre com olhos bem abertos em relação aos feitores durante a terrível escravidão e mesmo que livres, das forças policiais.

Preconceito: o preconceito fica enraizado quando gira em torno das relações humanas, pois os adeptos das crenças que Edir Macedo combate não vivem isolados na sociedade. Eles estão presentes nos locais de trabalho, na vizinhança e nas escolas, ou seja: na mentalidade iurdiana, pessoas que estão envolvidas com espíritos demoníacos podem ser influências ruins, deixando o ambiente carregado, associando elas como mau-olhado, pé-frio, azar...(MACEDO, 2000, p. 41).

Macedo deixa explícito toda sua intolerância até mesmo com as conhecidas benzedeiras ou rezadeiras que no país, devido a falta de profissionais na área médica, são muito solicitadas, principalmente nas zonas mais afastadas dos centros urbanos. Ele atribui essas práticas como demoníaca da seguinte forma:

“Acontece também que muitos adultos jamais estiveram na bruxaria, mas, quando crianças ficaram doentes e foram levadas a uma rezadeira. Dessa maneira tiveram suas vidas oferecidas a esse ou aquele demônio que passa a perturbá-los e os acompanha, se possível, até a morte. Uma rezinha aqui, outra acolá, e a mãe da criança também... Quando pensa que não, a criança já está oferecida aos demônios. Torna-se adulta e quando vai ver, já não é mais um demônio, mas uma legião que se apossa da pessoa” (MACEDO, 2000, p.41-42).

Isso fica evidente com algumas práticas dos povos de terreiros fora de seu ambiente religioso, a exemplo do que acontece com as oferendas e despachos. Os despachos feitos nas encruzilhadas, de acordo com Macedo, são responsáveis por acidentes e mortes, sem se referir a nenhuma estatística de algum órgão que regulam nossas estradas e rodovias (MACEDO, 2000, p. 41). Será que Macedo não consegue entender que é justamente em áreas em que duas ou mais vias se cruzam é quando mais ocorrem acidentes devido a uma distração do próprio condutor ou falha mecânica e não por causa dos despachos? O mesmo ranço religioso ele usa com as vendedoras de vatapás e acarajés em Salvador (MACEDO, 2000, p.42).

O preconceito exposto é histórico bem como as associações macabras com os povos de terreiros e suas divindades da seguinte forma referindo-se a Exu:

A associação do Exu com o Diabo já havia se iniciado com os primeiros missionários europeus assim que tiveram contato com os cultos africanos, já que este orixá contraria a mais fortes regras de conduta aceitas socialmente. Consideraram seu caráter suscetível, violento, perverso, vaidoso e pervertido, ou seja, uma personalidade composta de tudo que se contrapõem a Deus. Exu nunca se livrou da sua associação ao sexo, à luxúria, ao pecado e à maldade, tornando-se o orixá mais caluniado e incompreendido dentre as divindades afro-brasileiras. (PRESOTO, 2014, p. 18).

O preconceito é algo tão presente que muitos que frequentam os terreiros preferem omitir sua religião em vez de tentar explicá-la e mudar a imagem criada sobre ela, onde seus fiéis são vistos como praticantes de coisas ruins através de sacrifícios animais, despachos, entre outros. A respeito disso, Presoto (2014) afirma: “Posto que a Umbanda não é uma religião que visa pregar sua ideologia fora dos terreiros e tampouco persuadir pessoas a mudarem de religião, essa imagem preconceituosa ainda tende a perdurar por mais tempo” (PRESOTO, 2014, 26).

Sincretismo: a maior contradição da Universal é justamente sua posição frente ao sincretismo. Em suas publicações, principalmente no livro *“Orixás, Caboclos e Guias...”* fica evidente sua crítica alegando que essa prática deturpou a fé cristã dos brasileiros da seguinte maneira:

“O povo brasileiro herdou, das práticas religiosas dos índios nativos e dos escravos oriundos da África, algumas religiões que vieram mais tarde a ser reforçadas com doutrinas espiritualistas, esotéricas e tantas outras que tiveram mestres como Franz Anton Mesmer, Allan Kardec e outros médiuns famosos. Houve, com o decorrer dos séculos, um sincretismo religioso, ou seja: uma mistura curiosa e diabólica da mitologia africana, indígena brasileira, espiritismo e cristianismo, que criou ou favoreceu o desenvolvimento de cultos fetichistas como a umbanda, a quimbanda e o candomblé” (MACEDO, 2000, p.130).

Ao mesmo tempo que Macedo amaldiçoou o trânsito religioso da população desde os tempos coloniais, ele faz uso do sincretismo como principal marca de sua igreja e os reflexos dessa dicotomia são sentidos até hoje em nosso cenário religioso, ficando evidente sua manobra disfarçando concorrência religiosa pelo ávido desejo de ‘libertar’ pessoas. Júlio César Tavares Dias, assim define: “Assim, a intolerância encontra-se revestida por uma face amorosa. As palavras assumem sentidos antagônicos, numa relação de amor e ódio” (DIAS; CAMPOS, 2012, p. 360).

Esse discurso interfere no dia a dia das pessoas, permeando intolerância e racismo. Macedo tem feito desse discurso toda a obra de sua igreja e isso fica muito evidente no prefácio de seu maior sucesso editorial, o livro “*Orixás, Caboclos e Guias...*” “Através dos veículos de comunicação e das igrejas que tem estabelecido por todo Brasil e no exterior, o bispo Macedo tem desencadeado uma verdadeira guerra contra toda obra do diabo”. (MACEDO, 2000, p. 8).

“Amigo leitor, comece hoje mesmo a exercer a autoridade que Jesus lhe confere. Não abra mão de seus direitos; não deixe de lado o que o Senhor lhe concedeu; agarre-se com unhas e dentes às bênçãos de Jesus e pise na cabeça dos exus e Cia. Ilimitada! Quando você ordena a um demônio que saia de um corpo, o Espírito Santo confirma a autoridade de que você está investido. Pode chamar o chefe dos demônios que está dominando aquele corpo; o que está na casa da pessoa, nos parentes ou em quem quer que seja, que eles têm de obedecer! (MACEDO, 2006:129 e 130).

Macedo usa as mesmas linguagens e rituais dos terreiros para combater o que ele julga serem demônios. Ele faz uso de objetos ungidos como meio de fortalecer e materializar a fé do crente. Essas práticas já vinha acontecendo na igreja brasileira desde meados da década de 1950 com advento da Segunda Onda Pentecostal (Quadrangular, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Nova Vida) mas de forma tímida, usando principalmente óleo e lenços ungidos. A IURD dentro do seu sincretismo avesso inovou, popularizando essa prática nas mídias e abrangendo objetos ligados aos cultos afrodescendentes, tais como sal, comida, fotos, rosa, etc...Hipocrisia ou algo bem pensado na sua estratégia? Qualquer pessoa, mais ingênua que seja, consegue identificar o quanto que a igreja Universal ficou parecida com quem ela própria elegeu sendo seus maiores inimigos e a quem tanto ataca (DIAS; CAMPOS, 2012, p. 363).

O sincretismo tornou-se a oração forte da IURD, e isso fica bem esclarecido na seguinte citação: “Do ponto de vista sociológico, a Igreja Universal é um formidável empreendimento sincrético, que juntou num mesmo espaço e discurso tanto a lógica e a terminologia operantes

no kardecismo, catolicismo e protestantismo popular, assim como nas religiões afro-brasileiras (CAMPOS, 1999, p. 6).

Por que a IURD bate tão forte nos cultos afro-brasileiros? Primeiro deve-se investigar a razão dessa denominação ser uma denominação sincrética ao extremo a ponto de muitos estudiosos denominá-la como uma religião afrodescendente. Gomes (2019) afirma que: “que apesar das semelhanças de ritos com as religiões afro-brasileiras, contesta todos os seus cultos, opondo-se terminantemente” (GOMES, 2019, p. 23). É afrodescendente não pela quantidade de negros nas suas igrejas, mas por apresentar alguns rituais escancaradamente próximos dos praticados nas religiões afro-brasileiras. A respeito disso, Júlio César Benedito afirma:

[...] É com os que a Igreja Universal do Reino de Deus realiza sua maior simbiose ritualística. Dos cânticos aos patuás, passando pelos exorcismos, os universais se apossam de um grande número de atitudes e símbolos tradicionalmente vinculados às religiões e seitas de origem ou inspiração africana. Ao contrário das igrejas protestantes históricas que mantêm grande parte de sua liturgia religiosa ligada ao catolicismo original, os universais aplicam às suas práticas muitos dos rituais e símbolos herdados dos afro-brasileiros (BENEDITO, 2006, p. 249).

Sobre a Universal do Reino de Deus ser uma igreja afro-brasileira, temos as seguintes citações: Ari Pedro Oro (2006) afirma o seguinte: “a face macumbeira” da Iurd, que aparece sobretudo em determinados rituais, como nas Sessões Espirituais de Descarrego (...) paradoxalmente mais delas se aproxima e se assemelha” (ORO, 2006, p. 320). Ricardo Marino observa que, (1995) “uma igreja que rearticula sincreticamente no seu próprio interior crenças e práticas rituais dos adversários” (MARIANO, 1995, p.127) e Ronaldo Almeida afirma que (2003) “uma igreja que se situa a um meio caminho entre os evangélicos e as religiões afro-brasileiras” (ALMEIDA, 2003, p. 340).

Se faz necessário analisarmos também a amplitude desses discursos e suas eventuais responsabilidades. Tomamos como melhor exemplo o discurso do atual ocupante da presidência da República. Em sua campanha do pleito de 2018 ficou explícito sua propaganda em favor do armamento da população e seu ódio ao seu maior opositor ou a sua agremiação partidária. Essa fala se intensificou quando na cidade de Rio Branco, no Acre, usou uma metáfora dizendo que “fuzilaria a petralhada” em um explícito incentivo à violência política e incentivo a bandagem. Esse discurso belicoso permaneceu durante toda sua gestão de governo. A polarização política no Brasil sempre existiu, mas desde a redemocratização a acirrada disputa

pelo poder até onde me lembro, nunca ouve uma liderança partidária incentivando a população a agir com violência contra o seu rival e ao exercício de demonização aos seus oponentes.

Esse discurso de ódio e o desrespeito explícito de um líder tem influenciado comportamentos violentos de seus seguidores e temos vários registros nesse sentido pois a nossa imprensa ainda é livre. A partir do exemplo do próprio mandatário da República, podemos perguntar: quem incentiva a violência religiosa no Brasil? Essa violência é apenas uma ponta de um iceberg de um projeto ainda maior de poder? E a quem ela interessa? Gabriela Prioli, em sua publicação no youtube “Quem incentiva a violência política?”<sup>15</sup> diz com muita propriedade que devemos prestar atenção no que ele pede aos seus apoiadores. O mesmo argumento serve quando líderes religiosos usam discursos desprezíveis e até violentos contra outras crenças, em sua grande maioria partindo de pastores neopentecostais, a exemplo de Edir Macedo. É importante salientar que boa parte da notoriedade da IURD se deve aos vários escândalos em que esteve envolvida, entre eles acusações frequentes de vilipêndio religioso e agressões a participantes da Umbanda (DIAS; CAMPOS, 2012, p. 356).

Com isso quero afirmar que o discurso religioso de forma pejorativa e desprezível pode se tornar tão perigoso quanto o discurso político cheio de ódio e tensão, pois a representação dele seria a própria “voz de Deus” onde seus interlocutores usam a Bíblia, dando a eles uma espécie de autoridade e legitimidade para suas finalidades (DIAS; CAMPOS, 2012, p. 359-361).

## 5.1 CRIMES PRATICADOS PELA INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Macedo amarra bem seu discurso na chamada “Guerra Santa” afirmando categoricamente em “Orixás, Caboclos e Guias...” que as crenças de terreiros são ambientes dominados por demônios que agem nos seres humanos da seguinte maneira:

No candomblé Oxum, Iemanjá e Ogum entre outros demônios, são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue para agradar, quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais o para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os espíritos desencarnados ou espíritos menores, chamados caboclos, pretos velhos, crianças. Na quimbanda, os deuses são exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou marido de alguém ou obter favores por meios ilícitos etc. No Kardecismo e nas demais ramificações espíritas ou espiritualistas, os demônios se apresentam como

---

<sup>15</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=8fcv0EQ-4e8&t=180s>. Acessado em 15/07/2022.

espíritos evoluídos ou ainda em evolução, que precisam de doutrina (MACEDO, 2000, p. 14,15).

Mariano afirma o seguinte: “Para Macedo, a melhor defesa contra os demônios é o ataque, e em obediência ao líder eclesiástico, pastores, obreiros e fiéis, para partirem para a ofensiva” (MARIANO, in SILVA, 2007, p. 137). Santos (2010) afirma que esse ataque é parte do proselitismo e que assume publicamente em sua cosmovisão que as entidades cultuados por essas religiões, na realidade são “demônios” com finalidade de destruição (SANTOS, 2010, p. 99). O ponto de partida das investidas contra as crenças afro-brasileira não parte apenas nos cultos, mas em todas as mídias possíveis visando o confronto.

Crimes estão sendo cometidos, crimes principalmente no sudeste do país, como no Rio de Janeiro, onde inclusive, vários terrenos espíritas foram alvo de vandalismo e pessoas atacadas em plena luz do dia por estarem trajando roupas típicas de seus rituais. Essa onda criminosa muitas das vezes é inflamada por gangues e nos púlpitos religiosos das denominações que pregam um fundamentalismo totalmente desnecessário e que em nada contribui para a convivência entre pessoas.

Florianópolis também tem sido palco de intolerância religioso onde pessoas induzidas se acham no direito de intervir até mesmo nos espaços erguidos às crenças diferentes do cristianismo e que estavam lá a muito tempo. No dia 22 de setembro de 2019 uma imagem dedicada a Iemanjá (um orixá que simboliza paz e união e representativo de mares e oceanos) foi destruída a martelada por uma mulher motivada por ódio religioso no bucólico bairro do Ribeirão da Ilha (DA SILVA PINHEIRO, 2020, p. 91). Nesse caso, a manifestação da mulher não deve ser confundida como uma expressão de sua liberdade religiosa e sim em um crime previsto no Código Penal e na própria Constituição Federal que definiu como crimes passíveis de punição aos ato de intolerância. Gostando ou não de Iemanjá, a imagem representa o sentimento de religiosidade de muitas pessoas que se sentem representadas por ela.

Exemplos como esse de deprecação são frequentes. Grupos cristãos tentam na justiça a retirada de monumentos afros em lugares públicos, alegando que isso fere a laicidade e traz constrangimento aos que não são adeptos de tal crença. Interessante observar que em muitas praças a Bíblia é exaltada e nos corredores dos órgãos públicos há a presença crucifixos, sem deixar nenhum espírita vociferando nos fóruns competentes. É comum também ver grupos evangélicos geralmente ligados a uma igreja pentecostal ou

neopentecostal com ânimos acirrados hostilizando locais de encontros dos povos de terreiros (DA SILVA PINHEIRO, 2020, p. 95) num explícito ato de radicalização e escárnio.

Para Silva (2017) a intolerância religiosa se manifesta de maneiras diferentes, e seu ponto inicial parte dos púlpitos. Ele classifica da seguinte maneira o acirramento dos ataques das igrejas neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras nas últimas duas décadas:

Os casos de intolerância, antes apenas episódicos e sem grandes repercussões, hoje se avolumaram e saíram da esfera das relações cotidianas menos visíveis para ganhar visibilidade pública, conforme atestam as frequentes notícias de jornais que os registram em inúmeros pontos do Brasil. Igualmente, a reação a estes casos, antes apenas um esboço isolado e tímido de algumas vítimas, agora se faz em termos de processos criminais levados adiante por pessoas físicas ou instituições públicas, como ONGs e até mesmo a Promotoria Pública (SILVA, 2017, p. 10).

Os atos de violência, conforme Silva, que mais se destacam são:

1: Ataques feitos no âmbito dos cultos das igrejas neopentecostais e em seus meios de divulgação e proselitismo: nas igrejas é armado todo cenário de hostilidade onde as entidades afro-brasileiras são descritas como demônios em meio a muitos depoimentos (SILVA, 2017, p. 10-11);

2: Agressões físicas in loco contra terreiros e seus membros: insuflados pelos discursos belicosos muitos fiéis partem para o confronto direto onde o principal alvo são locais de cultos que os crentes enxergam como “casa do diabo”. Alguns terreiros são incendiados ou ameaçados caso não deixem o local. Os casos com mais ocorrências são no Sudeste e no Nordeste do país, onde há grande concentração de evangélicos (SILVA, 2017, p. 12-13);

3: Ataques às cerimônias religiosas afro-brasileiras realizadas em locais públicos ou aos símbolos dessas religiões existentes em tais espaços: nas festas como a dos orixás e nas oferendas a exposição tem causados confrontos. Grupos evangélicos se reúnem com altofalantes e procuram dispersar os adeptos ou destruir suas oferendas. É muito frequente também ataques aos símbolos e monumentos das religiões de matriz africanas espalhadas pelo país (SILVA, 2017, p. 14-15). Recentemente em Itajaí, quatro carros foram incendiados enquanto seus donos participavam de um ritual de umbanda fora de seus terreiros;

4: A intolerância às crenças afro-brasileira não restringem somente ao campo religioso, mas é também em muitos aspectos culturais visando rejeição. Silva em sua obra sobre intolerância religiosa deixa claro o quanto os símbolos da herança africana no Brasil são

estigmatizados e hostilizados, cita por exemplo, crianças oriundas de lares evangélicos que são retiradas das ONGs onde são ensinados instrumentos musicais que aludem ao samba e o mesmo acontece com a Capoeira ou até mesmo os famosos acarajés vendidos nas ruas de Salvador por mulheres com seus trajes típicos ritualísticos (SILVA, 2017, p. 15-16);

5: Ataques decorrentes das alianças entre igrejas e políticos evangélicos: vem possibilitando leis municipais que interferem nos rituais envolvendo animais (SILVA, 2017, p. 17).

Silva (2007, p. 12) destaca o seguinte exemplo de intolerância que reflete bem esses ataques que começa com o incentivo na pregação no púlpito e termina no rompimento do direito alheio de exercer sua crença com liberdade e segurança: “No Rio de Janeiro, umbandistas do Centro Espírita Irmãos Frei da Luz foram agredidos com pedradas pelos frequentadores de uma IURD situada ao lado desse centro, na Abolição”. As práticas de terreiros, taxadas como bruxaria e demoníaca tem também pesado o preconceito associado com desaparecimento de crianças supostamente mortas em rituais, como num triste caso ocorrido em São Luiz, onde fiéis de uma igreja pentecostal acusaram os chefes do Terreiro do Justino, fundada há 106 anos, de sequestro de um bebê. As hostilidades cessaram somente quando a polícia local descobriu os verdadeiros responsáveis pelo rapto da criança. Outro exemplo de perturbação aconteceu em São Paulo da seguinte maneira:

Uma mãe de santo da Cidade Tiradentes em São Paulo (bairro da capital paulista) reclamou de um carro de som, contratado por uma igreja neopentecostal das imediações, que parava ou circulava insistentemente em frente ao seu terreiro para anunciar em alto volume as “sessões de descarrego” realizadas na referida igreja (SILVA, 2007, p. 13).

Silva reflete ainda que uma das estratégias mais comum das igrejas neopentecostal para engrossar sua prática proselitista é de identificarem esses terreiros e estabelecerem prazos para fechá-los, onde são feitas diversas manifestações contando inclusive com apoio de políticos evangélicos. A violência é mais frequente nas cerimônias religiosas da seguinte maneira:

Durante uma festa de Iemanjá ocorrida na praia do Leme, Rio de Janeiro, neopentecostais pregaram contra a cerimônia com auxílio de alto-falantes e destruíram os presentes ofertados à entidade, associada ao mar. O mesmo ocorreu durante uma festa de erês (entidades infantis) realizada na Quinta da Boa Vista, quando os neopentecostais quebraram imagens e queimaram roupas de santo. [...] A revitalização do Dique do Tororó, que incluiu a instalação de esculturas dos orixás pela prefeitura de Salvador, rendeu uma série de críticas das igrejas evangélicas, que condenaram esse ato de

“enaltecimento de uma religião diabólica”, “associada ao mal”, que precisaria ser “exorcizada”, segundo sua óptica, e não homenageada pelo poder público. [...] A diretora de uma escola, no bairro de Stella Maris, teve de mandar apagar a figura do orixá Ogum que havia em um painel artístico situado naquele edifício escolar por pressão dos pais evangélicos cujos filhos estudavam ali. Em São Paulo, agressões à estátua de Iemanjá, na Praia Grande, como tentativa de depredação, têm sido registradas. [...] uma mulher que por trajar um turbante branco, típico dessas religiões, foi expulsa do ônibus em que viajava na zona norte da cidade carioca. (SILVA, 2007, p. 14-15).

Na educação se observa muitas manifestações contra os livros didáticos que exaltam as religiões afro-brasileiras e a sua representatividade, dificultando inclusive a implantação da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio, da seguinte forma:

Livros didáticos abordando o assunto começam a ser produzidos. Sendo as religiões afro-brasileiras parte dessa História e Culturas [...]. Entretanto, colocar nos livros escolares as religiões de origem africana ao lado das religiões hegemônicas, como o cristianismo, dando-lhes o mesmo espaço e legitimidade destas últimas, têm gerado, por si só, protestos. Foi o que ocorreu com uma coleção de livros didáticos destinada ao ensino fundamental, lançada por uma editora de São Paulo. No volume indicado para a segunda série, no capítulo “Nossas Raízes Africanas”, a autora trata da formação das religiões afro-brasileiras, inclusive com exercícios pedindo para as crianças pesquisarem sobre a história dos orixás. Uma coordenadora pedagógica evangélica de Belford Roxo, Rio de Janeiro, protestou junto a editora alegando que o livro fazia apologia das religiões afro-brasileiras e que não seria adotado em sua escola, onde a maioria dos alunos e professores, segundo ela, era evangélica. A mesma coleção também gerou protesto na câmara da cidade de Pato Branco, Paraná, onde um vereador e pastor evangélico denominou a obra de “livro do demônio” e pediu cassação da coleção (SILVA, 2007, p. 15-16).

A partir desses pressupostos, nossos educadores quase todos formados dentro da tradição judaico-cristão possuirão condições de serem mediadores quando uma criança ou adolescente em sua escola manifestar sua identidade ligada ao candomblé ou a umbanda em meio a discursos desprezíveis sobre sua religião, atribuindo a ela, somente elementos negativos? Qual será o papel desse professor, tendo em vista a pouca representatividade das crenças desses alunos fora do seu ambiente de fé, ou quando elas existirem, ainda de forma achincalhadas?

Nos últimos anos têm aumentado tanto essa violência que no Carnaval 2020, a Escola de Samba Grande Rio, trouxe para a passarela carioca os seguintes versos: “Eu

respeito seu amém, você respeita meu axé”<sup>16</sup>. Foi um dos sambas-enredo mais badalado nos últimos anos e rendeu o vice-campeonato para a agremiação de Duque de Caxias. Além da intolerância religiosa, racismo, misoginia e homofobia foram outros temas tornando essa festa popular um dos mais politizados dando a impressão que estamos mesmo na UTI em questões contemporâneas e humanitárias. No carnaval de 2022 a Grande Rio foi campeã abordando Exu, um dos Orixás mais louvados das religiões de matriz africana, e foi uma evidente tentativa de desmitificar sua associação com o diabo ou como algo ruim, tão presente no discurso neopentecostal.

Um dos casos mais emblemáticos envolveu uma menina de 11 anos que teve ferimentos na cabeça após ter saído de uma cerimônia religiosa do candomblé, no bairro Vila da Penha, subúrbio do Rio de Janeiro. Testemunhas viram rapazes com Bíblia na mãos aos berros com insultos religiosos além da agressão. A menina Kailane Campos deixou o seguinte registro: “Achei que ia morrer. Eu sei que vai ser difícil. Toda vez que eu fecho o olho eu vejo tudo de novo. Isso vai ser difícil de tirar da memória”<sup>17</sup>.

O triste episódio aconteceu há sete anos mas muitos outros casos sequer são noticiados pela imprensa. É preciso mesmo fazer algo pois de acordo com o Ministério da Justiça, em 2019, um terreiro foi alvo de algum tipo de ataque a cada 15 horas no país. Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Geras e Espírito Santo lideram esse triste ranking. Além dessa violência física, muitos templos oriundos de cultos afro-brasileiros localizados nos centros urbanos acabam sendo retirados tendo que se instalar em áreas mais distantes. Prandi (2010) afirma o seguinte:

Certas igrejas, copiando praticas empresariais comuns em nossos dias, estabeleceram metas, e entre as metas que um pastor deve alcançar está o fechamento de um dado número de terreiros existentes no lugar. Não basta converter membros dos terreiros: é preciso fechar seus templos, cortar o mal pela raiz” (PRANDI, 2011, p. 20).

Como destaca Bonifácio (2017) a base estrutural da perseguição aos religiosos afrodescendentes é de cunho racial, principalmente aquelas promovidas pelas religiões cristãs que historicamente se consolidou através de uma ótica elitista que desenvolveu uma estrutura

---

16 O GLOBO. “Eu respeito seu amém, você respeita meu axé”: Grande Rio enfrenta problemas mas empolga na avenida. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/eu-respeito-seu-amem-voce-respeita-meu-axe-grande-rio-enfrenta-problemas-mas-empolga-avenida-24268833>. Acesso em 29 ago 2022.

17 G1 RIO DE JANEIRO. **Menina vítima de intolerância religiosa diz que vai ser difícil esquecer pedrada.** Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/06/menina-vitima-de-intolerancia-religiosa-diz-que-vai-ser-dificil-esquecer-pedrada.html>. Acesso em 19 ago 2022.

segregacionista e de subalternização e que isso é mais percebido em áreas urbanas onde ficam mais visíveis as relações dos grupos religiosos hegemônicos cristãos em relação aos grupos de matriz africana onde seus locais de culto são sempre vistos de maneira quase que oculta ou discreta (BONIFÁCIO, 2017, p. 135-136).

Pode-se afirmar sem reservas que se uma eventual denominação cristã quiser empreender numa área central circundada de prédios de alto padrão e intensa circulação de pessoas, conseguirá comprar um terreno sem grandes burocracias, o mesmo não aconteceria caso fosse erguido nesse espaço um centro de ritual do candomblé ou da umbanda. Isso também é uma forma de violência e perseguição religiosa, ainda mais se tratando de um país capitalista em que as relações comerciais deveriam ser livres e sem interferência estatal e dessa forma, moldando os espaços e as paisagens de acordo com seus interesses (BONIFÁCIO, 2017, 138).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento da Universal em 1977 por Edir Macedo consolidou as tendências proselitistas e sincréticas surgidas com o advento das igrejas da Segunda Onda Pentecostal à partir da década de 1950 (Quadrangular, Brasil Para Cristo, Nova Vida, Deus é Amor) e que ensaiaram os primeiros passos em direção a uma liturgia híbrida e agressiva. Representou também uma revitalização aos ataques às crenças afro-brasileiras.

O povo da religiosidade de matriz africana sempre foram perseguidas e hostilizadas ao longo de nossa história da seguinte maneira:

[...] foram perseguidas pela Igreja Católica ao longo de quatro séculos, pelo Estado republicano, sobretudo na primeira metade do século XX, quando este se valeu de órgãos de repressão policial e de serviços de controle social e higiene mental, e, finalmente, pelas elites sociais num misto de desprezo e fascínio pelo exotismo que sempre esteve associado às manifestações culturais dos africanos e seus descendentes no Brasil (Silva, 2007, p. 23-27).

Como se vê, essa perseguição se estendeu também pela República em relação as práticas ritualistas dos terreiros afrodescendentes e alguns elementos da cultura negra eram consideradas contravenção e muitas pessoas sofreram violência física e moral. Hoje apesar da lei não expor pejorativamente os seguidores das religiões afro-brasileira ainda persiste a cultura da violência mesmo que velada, sendo essas incentivadas pelas igrejas neopentecostais criando um clima tenso de intolerância religiosa que certamente não se transformou em um conflito pior, porque o lado agredido não rivaliza e tenta justiça pelos meios legais.

É importante salientar que existe o direito de criticar a religião alheia, mas atitudes agressivas bem como tratamentos diferenciados são crimes que não podem cair no esquecimento, pois isso não é somente uma questão de dogmas religiosos mas de dignidade humana. O fato de alguém ser cristão, não dá o direito de sair pela cidade destruindo símbolos religiosos ou atacar pessoas pelo simples fato de estarem com roupas e objetos ritualísticos.

É interessante notar que de acordo com Silva (2007) a ideia de guerra santa não se justificaria por que para os povos de terreiros os demônios não são concebidos em forma de entidades ou deuses, ou alguma fonte única de mal, ao contrário, eles são próprios dos seres humanos, sendo os espíritos meros instrumentos usados por eles (SILVA, 2007, p. 53). O que consiste esse discurso belicoso e intolerante é associar as entidades dos povos de terreiros como sendo demoníacos e causadores das maldades humanas.

Portanto, nenhum bispo, apóstolo ou pastor, inaugurou uma Nova Era no cenário religioso nacional após os anos 1970. O que Macedo e seus pares fizeram e com muita

maestria foi refinar essas novas tendências do culto pentecostal reunindo aspectos da religiosidade afro-brasileira dando às duas crenças uma intensa singularidade sincrética mas que sempre existiu entre as camadas mais pobres que não se prendiam às questões teológicas.

O empreendedorismo mercadológico de Edir Macedo foi mais longe, adquirindo sua própria rede de televisão, representantes nos parlamentos municipais, estaduais e federal, consolidando sua força política e conseqüentemente judiciária. No âmbito religioso explorou demasiadamente o uso de objetos ungidos nas mais variadas correntes como se fossem regras de fé, tornando sua igreja cada vez mais parecida com os rituais praticados na umbanda e candomblé através do transe e dos sacrifícios em que seus fiéis são submetidos. Principalmente nos cultos de sextas-feiras, onde há a famosa sessão do descarrego, e dessa maneira, o sal grosso e outros elementos dos povos dos terreiros se tornaram tão similar para o fiel da IURD quanto as passagens do Velho Testamento que inspiram o cristão na busca pela vitória na tão desejada Teologia da Prosperidade.

Esses eventos e as próprias experiências espirituais do seu fundador que convergiam entre a umbanda e o catolicismo até se converter na Nova Vida, uma igreja pentecostal, foram fundamentais para a consolidação identitária da Igreja Universal do Reino de Deus e sua expansão. O povo sedento por acolhimento as suas necessidades também contribuiu para a consolidação dessa visão teológica.

Macedo, um profundo conhecedor da religiosidade popular, conseguiu dar um sentido mercadológico a tudo isso, colocando sua igreja na missão de alcançar pessoas “perdidas” e condenadas dentro do sincretismo em que se encontravam, ou seja: entre o profano e o sagrado, entre o bem e o mal, entre as trevas e a luz, e que era necessário trazê-las para dentro de suas igrejas.

Foi a partir do sincretismo religioso dos brasileiros que ele próprio amaldiçoou que consolidou toda sua labuta empreendedora. Na minha opinião, a IURD não criou em torno dela um acolhimento a essas crenças dentro de um ecumenismo salutar, mas sim, se apropriou de alguns ritos mediúnicos em seu próprio benefício e o ataque ocorre por ser vista como concorrente e os acirramentos acontecem por pertencerem o mesmo grupo socioeconômico dos adeptos da Universal. O proselitismo mercadológico de um lado contra uma religião que independe da existência do outro, torna esses confrontos bastante desigual (SILVA, 2017, p. 11).

A maneira violenta como líderes da IURD expõem as religiões afrodescendentes, e seus adeptos, têm ligação direta com sua visão de mundo dominado por demônios e sua busca desenfreada pela hegemonia no mercado religioso, onde é preciso desmerecer e combater seus concorrentes principais: o povo de terreiro e as demais igrejas neopentecostais. Décadas passadas, a Igreja Católica fazia parte desse hall com o mesmo fervor a exemplo do que aconteceu em 12 de outubro de 1995, quando o bispo Sérgio Von Helder chutou a imagem da padroeira do país num programa religioso exibido na televisão em rede nacional.

Esse evento motivou reação de vários segmentos da sociedade, onde os próprios evangélicos se colocaram contra, deixando a Universal em uma situação de isolamento por se tratar de um ataque direto a uma religião hegemônica, como o catolicismo. O mesmo clamor não acontece quando o ataque é direcionada a uma crença de terreiro (SILVA, 2007, p. 51). Apesar de ter passado muito trabalho por causa desse acontecimento, a igreja do bispo Macedo ganhou muito mais publicidade e notoriedade, despertando inclusive mais simpatia em alguns segmentos da nossa população.

A cosmovisão de mundo da IURD serve como trampolim aos ataques e discursos vilipendiosos às crenças afro-brasileiras que sempre foram associadas com coisas ruins e esse estigma atravessou gerações no imaginário popular. Para isso, os pastores da IURD se importam mesmo é com a fé do crente carregado em prática sincrética e que são exemplificados com um evento marcante da Bíblia ou instrumentos utilizados por seus personagens, como manto, cajado, cornetas, lenços.

Isso ajuda a entender o grande sucesso de vendas do livro “Orixás, Caboclos e Guia. Deuses ou demônios”, escrito por Edir Macedo e lançado na década de 1980 como marco de expansão da IURD que nessa época já listava entre as maiores igrejas do Brasil, encontrando grande receptividade entre seus fiéis atraídos por sua mensagem de demonização aos povos de terreiros e estremecendo o convívio, onde são frequentes atos de violência contra comunidades e espaços onde se localizam os terreiros e ao ataque a imagens ou símbolos que remetem a representações de cultos de matrizes africanas (DA SILVA PINHEIRO, 2020, p. 91).

A violência consiste na necessidade de promover um inimigo comum dentro do mercado religioso na qual Edir Macedo, como grande empresário de sucesso, exploração e alianças políticas, conseguiu manter um grande Império que incomodou as Organizações Globo, boa parte dos evangélicos e a própria hierarquia católica no país.

Hoje esse Império como todos os outros conferidos na História, encontra-se com suas estruturas abaladas. Macedo, ao longo de quase 50 anos, não soube lidar com as lideranças emergentes e tão carismáticas quanto ele que ameaçaram sua hegemonia. Isso provocou uma imensa proliferação de igrejas que seguiram seu mesmo modo de operação, repetindo os insultos às religiões de terreiros, exorcizando pessoas através das mais variadas correntes visando algum tipo de libertação, e tirando delas as vezes até o que não tinham. O fenômeno neopentecostal como qualquer outro, teve seu glamour, mas no momento passa por um período de exaustão devido ao esgotamento das práticas em querer induzir seus fiéis em estranhas correntes. Arrisco em dizer que muitas dessas igrejas estão entrando no início do fim.

A IURD de 2022 vive suas incertezas e desafios diante de um novo tempo e das novas exigências de uma sociedade que não são as mesmas de 30 ou 40 anos atrás. O maior rescaldo dessa incerteza é o que fazer diante de uma sociedade cada vez mais secularizada marcada pelo crescimento numérico de fiéis que se declaram crentes, mas sem vínculo denominacional, possivelmente por se sentirem esgotados emocionalmente decorrente dos abusos religiosos, por sucessivos escândalos, corrupção e desencantamento institucional, constituindo um novo fenômeno religioso no país com mais de 14 milhões de pessoas, conforme o último censo de 2010.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Adriana Monyke Nascimento de et al. Magia na Igreja Universal do Reino de Deus e sua eficácia entre o simbolismo e a performance. 2020.
- ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo. **Cad. Pagu** no.50 Campinas 2017 Epub 26-Jun-2017.
- ALMEIDA, Ronaldo de “A Guerra das Possessões”, in A. P. Oro; A. Corten & J. P. Dozon. **Igreja Universal do Reino de Deus: Os Novos Conquistadores da Fé**. São Paulo, Paulinas, 2003, pp. 321-42.
- ALMEIDA, Ronaldo R. M. de. A universalização do Reino de Deus. **REVISTA NOVOS ESTUDOS CEBRAP**, São Paulo, n. 44, p. 16, mar. 1996.
- ALMEIDA, Tiago Borges de. História do Pentecostalismo Brasileiro: origem, crescimento e expansão. **REPAS**.v. 8, 2021.
- AMORIM, Marcos Paulo. Macumba no imaginário brasileiro: a construção de uma palavra./II **Seminário Pesquisa MarcosAmorim** v. 15, p. 12, 2015.. Disponível em: <http://www.fespsp.org.br/seminario2013/artigos.pdf> . Acesso em 29 ago 2022.
- AVERSA, Victor Pereira. NECROPOLÍTICA E CRISTOFASCISMO: SOBERANIA, VIOLÊNCIA E RELIGIÃO NA MANUTENÇÃO DA POLÍTICA BOLSONARISTA. **ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura**, v. 29, n. 2, p. 33-50, 2021.
- BENEDITO, Julio Cezar. Religiões e religiosidades populares. o conflito religioso e a simbiose de ritos e performances entre neopentecostais e .**Universitas Humanística**, n. 61, p. 249, 2006.
- BONIFÁCIO, Welberg Vinicius Gomes. A invisibilidade das religiões afro-brasileiras nas paisagens urbanas. **Produção Acadêmica**, v. 3, n. 01, p. 134-147, 2017.
- BRAGANÇA, Ubirajara Sampaio. A IGREJA DE NOVA VIDA COMO BASE PARA A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE NO BRASIL. **REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS-CAMPUS NITERÓI**, 2016.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. **Revista Pistis Praxis**, v.1, n. 1, 2009.
- CAVALCANTI, H. B. O projeto missionário protestante no Brasil do século 19: comparando a experiência presbiteriana e batista. **Revista de Estudos da Religião**, v. 4, p. 61-93, 2001.
- CAMPOS, Idauro. **Desigrejados: Teoria, História e Contradições do Niilismo Eclesiástico**. Rio de Janeiro: Editora Contextualizar, 2013.

CAMPOS, L. S. **A Igreja Universal do Reino de Deus**, um empreendimento religioso atual e seus modos de expansão (Brasil, África e Europa). Lusotopie, São Bernardo do Campo, p. 355-367, 1999.

\_\_\_\_\_. Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Simpósio e UMESP, 1997.

CAMPOS, Leonildo Silveira. O marketing e as estratégias de comunicação da Igreja Universal do Reino de Deus. **REVISA ESTUDOS DE RELIGIÃO**, São Paulo, n. 15, p. 26, 1998.

COSTA, Fernanda Grasiene Bezerra. **Análises de representações mútuas: o caso dos espíritas e dos neopentecostais em obras literárias 1983-1988**. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Mossoró, 2019.

CUNHA, Magali do Nascimento. “Casos de família”: um olhar sobre o contexto da disputa “Igreja Universal do Reino de Deus X Igreja Mundial do Poder de Deus” nas mídias. **Rever**. Ano 12, N. 02. 2012.

DA SILVA PINHEIRO, Hilton Fernando. Ilha da Magia seletiva. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 36, p. 91-109, 2020.

DA SILVA, João Bosco. Cultura e Religiosidade: O compromisso da escola com a afirmação da identidade Afro-brasileira. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 7, n. 9, p. 141-152, 2019.

DE MATOS, Alderi Souza. Breve história do protestantismo no Brasil. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 1, 2011.

DE MATOS, Alderi Souza. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **Fides Reformata XI**, São Paulo, n. 2, p. 23-50, 2006.

DELGADO, Jaime Silva. **Nem terno nem gravata: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana**. 2008.

DIAS, Júlio César Tavares. Nova caça às bruxas: demonização e exorcismos na igreja Universal do Reino de Deus. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 9, n. 2, p. 213-230, 2021.

DIAS, Julio César Tavares; CAMPOS, Zuleica Dantas Pereria. O Discurso de Intolerância da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise do livro Orixás, Caboclos e Guias. **Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, v. 22, n. 4, p. 355-365, 2012.

DO CARMO, Fabiana Lima dos Santos. **Trajetória do pentecostalismo no Brasil até a presença mercadológica da IURD**. 2016.

DORNELLAS, João Wesley. **Pequena história do povo chamado metodista**. Lins: IALIM–Instituto Americano de Lins da Igreja Metodista, 2002.

FADLALAH, Alcyr Trindade Alvim; DUARTE, Hugo Garcez. Estado laico e fundamentalismo religioso: reflexões sobre o discurso do ódio. **Revista Vox**, n. 04, p. 01-12, 2018.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. Sociologia da religião, pluralismos e intolerâncias: pautas contemporâneas. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, v. 5, n. 2, p. 289-289, 2015.

FERRARI, Odêmio Antônio. BISPO S/A. **A Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder**. São Paulo: Ave Maria, 2007.

FONSECA, Alexandre Brasil. Nova Era evangélica, Confissão Positiva e o crescimento dos sem-religião. **Numen**, v. 3, n. 2, 2000.

FRIESEN, Albert. **Cuidando do ser: treinamento em aconselhamento pastoral**. Curitiba: Esperança, 2002.

GOMES, Jaqueline de Souza. A intolerância religiosa em relação às Religiões Afro-brasileiras: uma realidade no cenário escolar brasileiro. **UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões**, v. 7, n. 1, p. 22-33, 2019.

HERNANDEZ, Carlos. **O lugar do sagrado na terapia**. Tradução de Therezinha F. Privatti. São Paulo: CPPC, 1986. p. 24.

ISAIA, Artur Cesar; DA SILVA, Elizete. A história de uma Ialorixá sob a ótica de um pastor canadense: Robert McAlister e as Religiões Afro-Brasileiras. **Interfaces Brasil/Canadá**, v. 19, n. 3, p. 104-124, 2019.

JUNGBLUT, Airton Luiz. **Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica**. São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos, 2005.

MACEDO, Edir. **Orixás, caboclos e guias: deuses ou demônios**. Unipro, 2019.

\_\_\_\_\_. **Orixás, caboclos & guias: deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Universal, 2002, p. 121).

\_\_\_\_\_. **Orixás, Caboclos e Guias. Santos ou Demônios**. Rio de Janeiro: Universal, 1984.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Pentecostalismo e religiosidade brasileira**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

MARIANO, Ricardo. **Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada**. *Revista Usp*, n. 31, p. 120-131, 1996.

\_\_\_\_\_. **Neopentecostalismo: os Pentecostais Estão Mudando.** Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1995

\_\_\_\_\_. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 2ºed. São Paulo. Edições Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Civitas, Porto Alegre**, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun. 2003.

MARIZ, C. e GRACINO, JR. As igrejas pentecostais no Censo de 2010. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010.** Petrópolis, Vozes, 2013.

McALISTER, Robert. **Dinheiro: um assunto altamente espiritual** –. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro:Anno Domini, 2010.

\_\_\_\_\_. Mãe de Santo. Rio de Janeiro: Empreendimentos Evangélicos, 1968.

MEZZOMO, Frank Antônio. NÓS E OS OUTROS. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais.** V5, n. 1, p. 1-25, 2008.

MONTERO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. **Novos estudos CEBRAP**, p. 47-65, 2006.

MONTEIRO, Yara Nogueira. Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário, a trajetória de uma igreja brasileira. **Estudos de religião**, v. 24, n. 39, p. 122-163, 2010.

MURTINHO, Max Nunes; DE CASTILHO, Fernando Marcos Bonnemasou Moreira; URDAN, Andre Torres. Declínio Organizacional e Contexto em Organização Religiosa: A Igreja Universal do Reino de Deus. **Revista Ibero Americana de Estratégia**, v.17, n. 2, p. 93-107, 2018.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra?. **Debates do NER**, 1997.

\_\_\_\_\_. O" neopentecostalismo macumbeiro". **Revista USP**, n. 68, p. 319-332, 2006.

ORO, Ari Pedro; ALVES, Daniel. Renovação Carismática Católica: movimento de superação da oposição entre catolicismo e pentecostalismo? **Religião & Sociedade**, v. 33, p. 122-144, 2013.

PACE, Enzo. A avalanche incontrolável e violenta dos fundamentalismos. In: PACE, Enzo; OLIVEIRA, Irene Dias; AUBRÉE, Marion (orgs.). **Fundamentalismos Religiosos, Violência e Sociedade.** São Paulo: Fonte Editorial, 2017

PRANDI, Reginaldo. Perto da magia, longe da política. **REVISTA NOVOS ESTUDOS CEBRAP**. São Paulo, n. 34, p. 89, nov. 1992.

PRANDI, Reginaldo. Sincretismo afro-brasileiro, politeísmo e questões afins. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 12, n. 19 p. 11-28, jan./jun. 2011.

PRESOTO, Aline Da Silva. **Umbanda: da repressão à busca pela aceitação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos)–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

RABUSKE, Irineu José et al. **Evangélicos brasileiros: Quem são, de onde vieram e no que acreditam?** Revista Brasileira de História das Religiões, v. 4, n. 12, 2015.

RIBEIRO, René. **Igrejas e Cultos no Brasil.**, São Paulo: USP, 1962.

ROCHA, Zeferino. **A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso**. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 17, p. 761-774, 2014.

RODRIGUES, Jadir Gonçalves et al. **Carisma e Poder: Categorias elementares da retórica da Igreja universal do reino de Deus**. 2011.

SANTOS, Valdelice Conceição dos et al. **O DISCURSO DE EDIR MACEDO NO LIVRO ORIXÁS, CABOCLOS E GUIAS. DEUSES OU DEMÔNIOS?: IMPACTOS E IMPASSES NO CENÁRIO RELIGIOSO BRASILEIRO**. 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância Religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro**. São Paulo: Edusp, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. **Mana**, v. 13, p. 207-236, 2007.

SIUDA-AMBROZIAK, Renata. Benzedeiras em vias de extinção na Ilha da Magia. **Métis: história & cultura**, v. 17, n. 34, 2018.

SPYER, Juliano. **Podo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

SOUZA, José Neivaldo. Democracia e fundamentalismo político-religioso. **Protestantismo em revista**, v. 43, n. 01, p. 95-106, 2017.

STECK, Juliana. Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade. **Jornal do Senado**. Acesso em: 12 de nov. 2015.

TAVOLARO, Douglas. **O bispo**. A história revelada de Edir Macedo. São Paulo: Larousse, 2007.

WILKSON, Adriano; ALENCAR, Juliana. **Rio-16 restringe religiões afro em centro na Vila Olímpica e gera críticas**. UOL Olimpíadas. Acesso em: 30 de ago. 2016.

TOPEL, Marta Francisca. A inusitada incorporação do judaísmo em vertentes cristãs brasileiras: algumas reflexões. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 4, n. 10, 2015.

VELHO, Gilberto. Indivíduo e religião na cultura brasileira. Sistemas cognitivos e sistemas de crença. **Novos Estudos**, n.31, p. 121-129, 1991.

VERISSIMO, Érico. **Incidentes em Antares**. 49. ed. São Paulo: Globo, 1997.

VIEIRA, José Álvaro Campos. Os" sem religião": alguns dados para estimular a reflexão sobre o fenômeno. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 605-612, 2015.

VILLASENOR, Rafael Lopez. A estratégia política da Igreja Universal do Reino de Deus: um estudo sobre as eleições presidenciais 1989, 1994 e 2002. Ponto-e-Vírgula: **Revista de Ciências Sociais**, n. 8, 2010.

VINGREN, Ivar. **Diário do pioneiro**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001 .

XAVIER, Erico Tadeu. O imperador Constantino: breve estudo da sua vida, influência e contribuições para o Cristianismo. **Monumenta-Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 1, p. 63-75, 2021.

ZDEBSKYI, Janaina de Fátima et al. **A prostituta sagrada e os entrelaçamentos transculturais no antigo crescente fértil**. 2018.